



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Mariana Teixeira Martins

**ENSINAR EM TEMPOS DE COVID:
um estudo de caso num Agrupamento
de Escolas do Norte de Portugal**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Mariana Teixeira Martins

**ENSINAR EM TEMPOS DE COVID:
um estudo de caso num Agrupamento
de Escolas do Norte de Portugal**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Estudos da Criança
Área de especialização em Intervenção Psicossocial
com Crianças e Famílias

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Ana Maria Tomás de Almeida
e do
Professor Doutor Carlos Alberto Gomes

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual
CC BY-NC-SA**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Agradecimentos

À Professora Doutora Ana Tomás Almeida pela ajuda na seleção da escola objeto de investigação, e na criação de condições para a realização da pesquisa empírica. O meu muito obrigada!

Ao meu orientador Professor Doutor Carlos Alberto Gomes por toda a disponibilidade, apoio, motivação, orientação e ajuda na escolha deste tema para a realização desta dissertação. Obrigada pelos conselhos, por me auxiliar nas minhas indecisões e estar sempre disponível quando surgia algum problema. Foi para mim um prazer ser sua aluna e mestranda, perceber a dimensão do seu profissionalismo, e toda a extensão desta grande área da sociologia.

Ao agrupamento de Escolas e a todos os entrevistados pela colaboração no meu estudo. Sem a vossa participação não seria possível concretizar a investigação.

Aos meus pais, por serem, sem dúvida, o meu grande pilar, e de me ajudarem a concretizar este meu sonho. Sem eles nada disto teria sido possível, não tinha, sequer, conseguido chegar aonde cheguei hoje. Por isso, o meu especial agradecimento.

À minha família, em geral, por sempre terem paciência e tentarem dar-me toda a força e apoio, mesmo estando longe, sempre acreditaram que eu era capaz. A todos vós, o meu sincero obrigado.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer aos meus amigos, que durante estes anos foram, sem dúvida, incansáveis comigo, e sem eles nada disto seria possível. Posso mesmo afirmar que tenho os melhores amigos do mundo porque nunca me deixaram desistir, mesmo quando eu própria não acreditava que iria chegar aqui. Obrigada pelo apoio, amizade, pelos momentos de distração e por serem o meu suporte quando tudo parecia estar a desmoronar. Vocês encontravam sempre um sentido e fizeram com que nunca tenha desistido, e que todo este percurso académico só poderia dar certo. Estou certa de que juntos aprendemos e que somos a força uns dos outros. O meu sincero obrigado.

Declaração de integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração. Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

ENSINAR EM TEMPOS DE COVID: um estudo de caso num Agrupamento de escolas no Norte de Portugal

Resumo

A presente dissertação de mestrado, tem como tema principal “Ensinar em tempos de covid-19: Um estudo de caso num Agrupamento de escolas no Norte de Portugal”. O estudo analisa a experiência de professores a lecionar em tempos de pandemia. É importante estudar e compreender como é que as escolas se foram adaptando à crise pandémica gerada pela covid-19, e, de forma mais particular, como é que os professores fizeram a gestão das salas de aula perante a nova realidade a que estiveram expostos.

Este estudo está dividido em duas partes fundamentais. A primeira parte diz respeito a um conjunto diversificado de dimensões teóricas, e a segunda às dimensões metodológicas associadas ao estudo empírico (qualitativo) realizado sobre a experiência de ensinar em contexto de pandemia.

Palavras-Chave: covid-19, crise pandémica, disciplina; gestão da sala de aula, lecionar em tempos de pandemia.

TEACHING IN COVID TIMES: A Case Study in a Group of Schools in Portugal

Abstract

This master's thesis has as its main theme "Teaching in times of covid-19: A case study in a grouping of schools in northern Portugal". The study analyzes the experience of teachers teaching in times of pandemic. It is important to study and understand how schools have adapted to the crisis generated by covid-19, and, more particularly, how teachers have managed classrooms in the face of the new reality to which they have been exposed.

This study is divided into two fundamental parts. The first part concerns a diverse set of theoretical dimensions, and the second to the methodological dimensions associated with the empirical (qualitative) study carried out on the experience of teaching in the context of a pandemic.

Keywords: classroom management , covid-19, discipline, pandemic crisis, teaching in times of pandemic crisis.

Índice

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS	ii
Agradecimentos	iii
Declaração de integridade	iv
Resumo	v
Índice de figuras	viii
Índice Anexos.....	ix
Abreviaturas e siglas.....	x
Introdução	1
Capítulo I - A Escola Pública Portuguesa: valores, princípios e objetivos	3
1.1 A Constituição da República Portuguesa.....	3
1.2 A Lei de Bases do Sistema Educativo	5
1.3 Estatuto do Aluno e Ética Escolar	6
1.4 O Estatuto da Carreira Docente	10
Capítulo II: Ensinar em tempos de covid.....	14
1.1 Ensino Online, de março a maio de 2020.....	15
1.2 Ensino Presencial/Online. de maio a junho de 2020	17
1.3 Ensino Presencial, de setembro 2020 a janeiro 2021.	20
Capítulo III: Interação na Sala de Aula: dimensões profissionais, pedagógicas, psicológicas e tecnológicas.	24
1.1 A questão da disciplina.....	28
Capítulo IV Estudo empírico: opções metodológicas, procedimentos éticos, apresentação e análise de dados.	30
4.1 Descrição da pesquisa empírica	30
4.2 Tratamento, apresentação e análise de dados	32
4.2.1 Ensino online de março a junho de 2020.....	33
4.2.2. Ensino presencial de setembro de 2020 a janeiro 2021.....	60
4.2.3 Comparação ensino online e ensino presencial em período pandémico	79
Comparação ensino online e ensino presencial em período pandémico	82
Conclusão.....	85
Referências Bibliográficas	87

Índice de figuras

GRÁFICO 1: NÚMERO DE CASOS POR DATA E INÍCIO DE SINTOMAS. 18 DE MARÇO 2020. FONTE: DGS.

GRÁFICO 2: SITUAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA DIA 3 DE MAIO2020. FONTE: DGS.

GRÁFICO 3: EVOLUÇÃO DOS CASOS CONFIRMADOS FONTE: RTP 1

GRÁFICO 4: EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE CASOS POR MIL HABITANTES FONTE: UNIVERSITY CSSE.

Índice Anexos

Anexo 1- Nota de Divulgação.

Anexo2- Questionário “Forms”

Anexo 3- Guião de Entrevista

Abreviaturas e siglas

CRP- Constituição da República Portuguesa

LBSE- Lei de Bases do Sistema Educativo

DGS- Direção Geral de Saúde

OMS- Organização Mundial de Saúde

Introdução

A presente dissertação de mestrado tem como tema principal “Ensinar em tempos de Covid19: Um estudo de caso num agrupamento de escolas do Norte de Portugal”, foi elaborada no âmbito do Mestrado em Estudos da Criança, Área de especialização em Intervenção Psicossocial com Crianças e Famílias, no Instituto de Educação da Universidade do Minho.

A seleção do tema de investigação surgiu de forma consensual com os orientadores, que sugeriram estudar e compreender como é que as escolas se foram adaptando à crise pandémica gerada pela Covid19, e, de forma mais particular, como é que os professores geriram as salas de aula perante a nova realidade a que foram expostos. O tema do estudo teve, como ponto de partida, a situação pandémica que estava a afetar o mundo. Assim surgiu o problema de investigação. Procurar conhecer, com a profundidade permitida por uma abordagem investigativa, a experiência dos professores (as) - as estratégias adotadas pelos professores na gestão do processo ensino/aprendizagem e da relação pedagógica, bem como o impacto ou impactos da situação pandémica nos planos pedagógico, psicológico, emocional e profissional- é, sem dúvida, muito importante para os próprios professores, para a gestão das escolas e também para as autoridades educativas.

A pesquisa empírica – o processo de recolha de dados- teve a duração de um ano, ou seja, de março de 2020 a março de 2021.

O estudo de caso que deu suporte empírico foi organizado de modo que fosse possível obter resultados que permitissem a compreensão, interpretação e análise da experiência dos docentes a lecionar em período pandémico. A escolha do método parte dos objetivos colocados pelo investigador, adotando-se para a realização do estudo a metodologia qualitativa. A pesquisa qualitativa é definida como um tipo de investigação direcionada para aspetos de uma determinada questão ou fenómeno que se pretendem estudar em profundidade, e de modo mais idiossincrático, isto é, destacando a sua singularidade, e não a sua comparação ou generalização com outras situações. Esta abordagem facilita a captação de sentimentos, processos de pensamento e emoções, aspetos aos quais dificilmente se tem acesso através de outros métodos de investigação (Strauss & Corbin, 1998; Anguera, 1995; 1986).

A pesquisa foi orientada de modo a captar e analisar a experiência de professores em contexto de interação na sala de aula. A abordagem metodológica utilizada foi principalmente qualitativa, inspirou-se no estudo de caso, recorreu-se à técnica de entrevista, de modo a facilitar a recolha e

registo de relatos pessoais dos docentes em lecionar em período pandémico. A entrevista semiestruturada, em tom narrativo, foi a técnica de recolha de dados escolhida devido às suas potencialidades, uma vez que conduz o participante a uma reflexão mais acurada sobre si e sobre a sua história de vida (Elliott, 2005), permitindo compreender, com mais profundidade, as suas perceções, pois, “partilhando a responsabilidade narrativa com o entrevistado, os investigadores poderão conseguir uma melhor compreensão da perspetiva e mundividência dos objetos de pesquisa” (Elliott, 2005: 24). As entrevistas foram gravadas em áudio, tendo-se feito posteriormente transcrições completas (integrais) das mesmas. Em seguida, efetuámos uma leitura flutuante (Bardin, 2009) tendo-se identificado e sublinhado os dados pertinentes (Esteves, 2006) para a investigação. Nessa análise fomos fazendo anotações das passagens mais significativas para o estudo em questão, processo de identificação de temas e categorias gerais ou categorização. (Bardin, 2009)

Apresentada e contextualizado a problemática em estudo, segue-se a estrutura do trabalho, para além da introdução. O mesmo é composto por quatro capítulos, encerrando com considerações finais.

Os primeiros três capítulos são referentes ao enquadramento conceptual. No primeiro capítulo, fez-se uma revisão do que é a Escola pública portuguesa: valores, princípios e objetivos, que visou enquadrar o objetivo de estudo na escola pública portuguesa. No segundo capítulo, focou-se a crise pandémica e a covid e a evolução da pandemia em Portugal. Por fim, o último capítulo do estudo, faz referência a estudos portugueses, centrados na análise da interação na sala de aula. O quarto capítulo, pesquisa empírica, opções metodológicas e procedimentos éticos, é dedicado à descrição detalhada da pesquisa empírica, descrição do processo de recolha de dados, e à justificação das opções metodológicas e dos procedimentos éticos utilizados.

Por fim, no capítulo cinco, apresenta-se a análise dos dados recolhidos através das entrevistas. Este trabalho termina com as reflexões finais, que têm como referência, os dados recolhidos no trabalho empírico e as suas implicações para a gestão escolar e para as dinâmicas relacionais da sala de aula. Inclui-se ainda um conjunto de anexos que complementam a informação apresentada ao longo do texto.

Capítulo I - A Escola Pública Portuguesa: valores, princípios e objetivos

Uma vez que a escola é o foco deste trabalho torna-se relevante definir a escola pública portuguesa, os seus valores, princípios e objetivos, como capítulo inicial. Para sustentar este capítulo a Constituição da República Portuguesa, a Lei de Bases do Sistema Educativo, o Estatuto Aluno e o Estatuto Carreira Docente são documentos fundamentais que ajudam na fundamentação do mesmo.

1.1 A Constituição da República Portuguesa

A Constituição da República Portuguesa foi aprovada a 2 de abril de 1976, e nela estão expostos os princípios sob os quais se deve focar a educação em Portugal. Estes princípios encontram-se em diversos artigos da constituição, nomeadamente no artigo 43º, o qual visa a “Liberdade de aprender e ensinar”, e dos artigos 73º ao artigo 77º, que compõem parte do capítulo IV da mesma.

Este capítulo tem, como título, os direitos e deveres culturais.

O artigo 43º da CRP é de elevada importância. Este capítulo aborda os direitos, liberdades e garantias, ou seja, estabelece que todos os cidadãos tem acesso à cultura e educação. Segundo o artigo 43º da CRP, a alínea 1, “é garantida a liberdade de aprender e ensinar”, e na alínea 2 é estabelecido o princípio de que “O Estado não pode programar a educação e a cultura segundo quaisquer diretrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas.”

No artigo 73º é realçada a importância da democratização da educação, ou seja, a educação é um dever do Estado democrático, sendo que o Estado tem que contribuir para a igualdade de oportunidades e a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais.

Segundo o artigo 73º,

“1. Todos têm direito à educação e à cultura.

2. O Estado promove a democratização da educação e as demais condições para que a educação, realizada através da escola e de outros meios formativos, contribua para a igualdade de oportunidades, a superação das desigualdades

económicas, sociais e culturais, o desenvolvimento da personalidade e do espírito de tolerância, de compreensão mútua, de solidariedade e de responsabilidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida coletiva.

3. O Estado promove a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural, em colaboração com os órgãos de comunicação social, as associações e fundações de fins culturais, as coletividades de cultura e recreio, as associações de defesa do património cultural, as organizações de moradores e outros agentes culturais.

O artigo 74º realça o direito à igualdades de oportunidade no ensino. A proteção desse direito compete ao Estado. Assim, o artigo 74º.

“1. Todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar.

2. Na realização da política de ensino incumbe ao Estado:

- a) Promover e apoiar o acesso dos cidadãos portadores de deficiência ao ensino e apoiar o ensino especial, quando necessário;
- b) Proteger e valorizar a língua gestual portuguesa, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades;

Mesmo em tempo de pandemia, é importante realçar os deveres do Estado no que concerne à educação, assim como os direitos (e garantias de) à igualdade de oportunidade no acesso ao ensino. Mesmo em tempos de pandemia estas disposições constitucionais devem ser cumpridas.

1.2 A Lei de Bases do Sistema Educativo

Para além de falar em educação é importante falar da escola pública portuguesa e dos direitos e garantias no acesso à educação. A Lei de Bases estabelece o quadro geral do sistema educativo e pode definir-se como o referencial normativo das políticas educativas que visam o desenvolvimento da educação e do sistema educativo. (Conselho Nacional de Educação).

A Lei n.º 49/2005, de 30 de agosto (Lei de Bases do Sistema Educativo – LBSE), no artigo 1, refere que o sistema educativo é o conjunto de meios pela qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente ação formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade. Ainda no mesmo artigo, na alínea 3, estabelece-se que o sistema educativo se desenvolve com base num conjunto organizado de estruturas e ações diversificadas, por iniciativa e sob responsabilidade de diferentes instituições e entidades públicas, particulares e cooperativas.

Atualmente designada Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, a Lei de Bases do Sistema Educativo. É importante realçar o artigo 2 da LBSE, uma vez que este enfatiza a exigência da promoção da igualdade de oportunidades. Assim, nos termos do artigo 2:

“Artigo 2º

Princípios gerais

1-Todos os portugueses têm direito à educação e à cultura, nos termos da Constituição da República.

2- É da especial responsabilidade do Estado promover a democratização do ensino, garantindo o direito a uma justa efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares.

4- O sistema educativo responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a

formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho. “

Para analisar a experiência da Escola Pública Portuguesa é importante analisar a igualdade de oportunidades e a LBSE segue a CRP. Mesmo em tempos de pandemia, foi mantida a oportunidade e igualdade de oportunidades, sendo garantido o acesso à educação através dos meios digitais a todos os alunos.

1.3 Estatuto do Aluno e Ética Escolar

Relacionado com a Lei de Bases do Sistema Educativo, é importante referir o Estatuto do Aluno. Este Estatuto estabelece os direitos e deveres dos alunos do ensino básico e secundário e o compromisso dos pais ou encarregados de educação e dos restantes membros da comunidade educativa na sua educação e formação (Lei n. º51/2012, de 5 de setembro-Estatuto do Aluno e Ética Escolar).

Ao longo dos anos a Lei que prevê o Estatuto do Aluno e Ética Escolar, vá sendo atualizado, sendo que a primeira alteração foi realizada com o objetivo no sentido de combater a indisciplina nas salas de aula.

A primeira alteração, surgiu, de acordo com a Lei 30/2002, de 20 de dezembro, que aprova o Estatuto do Aluno do Ensino não Superior. A necessidade dessa alteração - formalizada na proposta de Lei 149/x, de 2007- foi justificada pelo facto de a “indisciplina comprometer a qualidade da relação pedagógica entre professores e alunos impedindo o desenvolvimento do trabalho e do estudo e afetando o regular processo de aprendizagem”. Assim, como consta na referida proposta, a indisciplina se configura “como um obstáculo à afirmação da escola como instituição difusora dos valores do conhecimento e do saber, da cidadania, da participação e da responsabilização.” Logo, colocada esta necessidade, foi feita a alteração relacionada com o reforço do papel dos professores e com a necessidade de distinguir, de uma forma clara, as medidas corretivas e preventivas, das medidas sancionatórias. Também surgiu nesta alteração o papel dos encarregados de educação, sendo que lhes foi atribuída uma maior responsabilidade no acompanhamento do percurso escolar do seu educando aquando do incumprimento dos deveres preconizados no Estatuto do Aluno. (Lei n.º 30/2002, de 20 de dezembro).

Atualmente, o Estatuto do Aluno e Ética Escolar, que estabelece os direitos e os deveres do aluno dos ensinos básico e secundário revoga a Lei n.º 30/2002, de 20 de dezembro.

É importante referir os direitos e deveres dos alunos presentes nos artigos 7º e artigo 10º,

“ Artigo 7.º Direitos do aluno

1 – O aluno tem direito a:

- a) Ser tratado com respeito e correção por qualquer membro da comunidade educativa, não podendo, em caso algum, ser discriminado em razão da origem étnica, saúde, sexo, orientação sexual, idade, identidade de género, condição económica, cultural ou social ou convicções políticas, ideológicas, filosóficas ou religiosas;
- b) Usufruir do ensino e de uma educação de qualidade de acordo com o previsto na lei, em condições de efetiva igualdade de oportunidades no acesso;
- c) Escolher e usufruir, nos termos estabelecidos no quadro legal aplicável, por si ou, quando menor, através dos seus pais ou encarregados de educação, o projeto educativo que lhe proporcione as condições para o seu pleno desenvolvimento físico, intelectual, moral, cultural e cívico e para a formação da sua personalidade;
- d) Ver reconhecidos e valorizados o mérito, a dedicação, a assiduidade e o esforço no trabalho e no desempenho escolar e ser estimulado nesse sentido;

- e) Beneficiar, no âmbito dos serviços de ação social escolar, de um sistema de apoios que lhe permitam superar ou compensar as carências do tipo sociofamiliar, económico ou cultural que dificultem o acesso à escola ou o processo de ensino;
- f) Beneficiar de outros apoios específicos, adequados às suas necessidades escolares ou à sua aprendizagem, através dos serviços de psicologia e orientação ou de outros serviços especializados de apoio educativo;
- g) Beneficiar de medidas, a definir pela escola, adequadas à recuperação da aprendizagem nas situações de ausência devidamente justificada às atividades escolares.

2 – A fruição dos direitos consagrados nas suas alíneas g), h) e r) do número anterior pode ser, no todo ou em parte, temporariamente vedada em consequência de medida disciplinar corretiva ou sancionatória aplicada ao aluno, nos termos previstos no presente Estatuto.” Relativamente aos deveres dos alunos, realçando os mais importantes no tempo de pandemia, a destacar do artigo 10:

“O aluno tem o dever, sem prejuízo do disposto no artigo 40.º e dos demais deveres previstos no regulamento interno da escola, de:

- a) Estudar, aplicando -se, de forma adequada à sua idade, necessidades educativas e ao ano de escolaridade que frequenta, na sua educação e formação integral;
- b) Ser assíduo, pontual e empenhado no cumprimento de todos os seus deveres no âmbito das atividades escolares;
- c) Seguir as orientações dos professores relativas ao seu processo de ensino;

- d) Tratar com respeito e correção qualquer membro da comunidade educativa, não podendo, em caso algum, ser discriminado em razão da origem étnica, saúde, sexo, orientação sexual, idade, identidade de género, condição económica, cultural ou social, ou convicções políticas, ideológicas, filosóficas ou religiosas.
- e) Respeitar a autoridade e as instruções dos professores e do pessoal não docente;
- f) Contribuir para a harmonia da convivência escolar e para a plena integração na escola de todos os alunos;
- g) Respeitar a integridade física e psicológica de todos os membros da comunidade educativa, não praticando quaisquer atos, designadamente violentos, independentemente do local ou dos meios utilizados, que atentem contra a integridade física, moral ou patrimonial dos professores, pessoal não docente e alunos;
- h) Respeitar a propriedade dos bens de todos os membros da comunidade educativa;
- i) Não transportar quaisquer materiais, equipamentos tecnológicos, instrumentos ou engenhos passíveis de, objetivamente, perturbarem o normal funcionamento das atividades letivas, ou poderem causar danos físicos ou psicológicos aos alunos ou a qualquer outro membro da comunidade educativa;
- j) Não utilizar quaisquer equipamentos tecnológicos, designadamente, telemóveis, equipamentos, programas ou aplicações informáticas, nos locais onde decorram aulas ou outras atividades formativas ou reuniões de órgãos ou estruturas da escola em que participe, exceto quando a utilização de qualquer dos meios acima referidos esteja diretamente relacionada com

as atividades a desenvolver e seja expressamente autorizada pelo professor ou pelo responsável pela direção ou supervisão dos trabalhos ou atividades em curso;

- k) Não captar sons ou imagens, designadamente, de atividades letivas e não letivas, sem autorização prévia dos professores, dos responsáveis pela direção da escola ou supervisão dos trabalhos ou atividades em curso, bem como, quando for o caso, de qualquer membro da comunidade escolar ou educativa cuja imagem possa, ainda que involuntariamente, ficar registada;

Com a pandemia COVID-19, o ensino online trouxe uma nova noção de disciplina e indisciplina. Uma vez que as aulas eram lecionadas online, os professores não conseguiam ver os comportamentos dos alunos, sendo que era possível os alunos desligarem as câmaras e microfones dos professores nas plataformas online, sendo este um comportamento de indisciplina, pois desrespeitavam o professor.

1.4 O Estatuto da Carreira Docente

É importante falar do Estatuto Carreira da Docente, que define e estabelece os seus direitos e deveres profissionais dos professores. Tal como os alunos, os professores também têm direitos e deveres, que tiveram que ser adaptados no contexto do ensino online.

Atualmente designada Lei n.º 16/2016, de 16 de junho, o Estatuto da Carreira Docente foi sendo sujeito a alterações ao longo dos anos, nomeadamente ao nível de transformações significativas na atividade dos professores, e no modo como estes passaram a perspetivar suas carreiras.

No artigo 5.º do Estatuto Carreira Docente, são referidos os direitos dos docentes:

“Artigo 5.º:

- a) O direito a emitir opiniões e recomendações sobre as orientações e o funcionamento do estabelecimento de ensino e do sistema educativo;

- b) O direito a participar na definição das orientações pedagógicas ao nível do estabelecimento de ensino ou das suas estruturas de coordenação;
- c) O direito à autonomia técnica e científica e à liberdade de escolha dos métodos de ensino, das tecnologias e técnicas de educação e dos tipos de meios auxiliares de ensino mais adequados, no respeito pelo currículo nacional, pelos programas e pelas orientações programáticas curriculares ou pedagógicas em vigor;
- d) O direito a propor inovações e a participar em experiências pedagógicas, bem como nos respetivos processos de avaliação;

É importante referir os direitos dos docentes na pedagogia da escola, uma vez que esta sofreu alterações com o ensino online. Os docentes tiveram que se ajustar ao novo método de ensino adaptando as suas estratégias pedagógicas.

De frisar, no artigo 10º do Estatuto Carreira Docente, os deveres dos professores:

“1 - O pessoal docente está obrigado ao cumprimento dos deveres estabelecidos para os funcionários e agentes da Administração Pública em geral.

2 - O pessoal docente, no exercício das funções que lhe estão atribuídas nos termos do presente Estatuto, está ainda obrigado ao cumprimento dos seguintes deveres profissionais:

- a) Orientar o exercício das suas funções pelos princípios do rigor, da isenção, da justiça e da equidade;

- b) Orientar o exercício das suas funções por critérios de qualidade, procurando o seu permanente aperfeiçoamento e tendo como objetivo a excelência;
- c) Colaborar com todos os intervenientes no processo educativo, favorecendo a criação de laços de cooperação e o desenvolvimento de relações de respeito e reconhecimento mútuo, em especial entre docentes, alunos, encarregados de educação e pessoal não docente;
- d) Atualizar e aperfeiçoar os seus conhecimentos, capacidades e competências, numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida, de desenvolvimento pessoal e profissional e de aperfeiçoamento do seu desempenho;
- e) Participar de forma empenhada nas várias modalidades de formação que frequente, designadamente nas promovidas pela Administração, e usar as competências adquiridas na sua prática profissional;
- f) Zelar pela qualidade e pelo enriquecimento dos recursos didáctico-pedagógicos utilizados, numa perspetiva de abertura à inovação;
- g) Desenvolver a reflexão sobre a sua prática pedagógica, proceder à auto-avaliação e participar nas atividades de avaliação da escola;
- h) Conhecer, respeitar e cumprir as disposições normativas sobre educação, cooperando com a administração educativa na prossecução dos objetivos decorrentes da política educativa, no interesse dos alunos e da sociedade.

Em suma, neste capítulo salientou-se que quer a Lei n.º 30/2002, de 20 de dezembro, Estatuto do Aluno e Ética Escolar, quer a Lei n.º 16/2016, de 16 de junho, Estatuto da Carreira Docente foram alteradas com frequência, ao longo dos anos, numa lógica de adaptação às necessidades dos alunos e dos professores, facilitando assim o trabalho de ambos e mantendo o papel que a escola têm.

Apesar de estarmos a falar de a escola em tempos de pandemia, é de frisar que todos os direitos e deveres, tanto de professores como alunos foram mantidos, assim como a garantia de igualdade de oportunidades seguindo a CRP.

No capítulo seguinte, será referenciada a situação pandémica COVID-19 em Portugal, assim como as diversas fases da pandemia que levaram as escolas a adaptar-se ao ensino online e ao ensino presencial, em tempos de pandemia.

Capítulo II: Ensinar em tempos de covid

Este capítulo é fundamental para o estudo empírico, para abordar o fenómeno da covid 19, assim como as medidas de combate à situação pandémica durante os vários períodos considerados críticos que o país ultrapassou, sendo que as atividades letivas passaram de um ensino presencial para um ensino online.

Este capítulo focou-se, essencialmente, no período de março de 2020 a março de 2021, e refere todas as medidas de combate à COVID-19 implementadas ao longo desse período, focando-se nas medidas implementadas nos estabelecimentos de ensino, na educação escolar e nos desafios que estas tiveram para os professores, sequenciando os acontecimentos mais marcantes para as escolas portuguesas.

Em Portugal, a Direção Geral de Saúde ficou responsável por gerir a situação pandémica, sugerindo ao governo medidas de prevenção e combate à COVID-19. A gestão da crise pandémica é um ponto crucial deste trabalho, pois permite observar todas as medidas que foram implementadas nas escolas e o motivo pela qual as mesmas foram executadas, de acordo com os boletins epidemiológicos, elaborados diariamente pela Direção Geral de Saúde. A evolução da pandemia no nosso país, levou ao encerramento das escolas, passando o ensino a ser realizado em regime online.

A situação epidemiológica em Portugal foi caracterizada por várias fases, como a Declaração do Estado de Emergência, previsto na Constituição da República Portuguesa, e o Estado de Calamidade.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020), a COVID-19 é uma nova doença distinta de outras doenças causadas por coronavírus, tais como Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) e Síndrome Respiratória do Médio Oriente (MERS). O vírus espalha-se rapidamente, e os surtos podem crescer a um ritmo exponencial.

Segundo a Direção Geral de Saúde (DGS, 2020), o novo coronavírus, designado SARS-CoV-2, foi identificado pela primeira vez em dezembro de 2019 na China, na cidade de Wuhan. Este novo agente nunca tinha sido identificado anteriormente em seres humanos. A fonte da infeção é ainda desconhecida.

A transmissão do vírus COVID-19 é feita através do contacto próximo com pessoas infetadas pelo SARS-CoV-2 (transmissão direta), ou através do contacto com superfícies e objetos contaminados (transmissão indireta). (DGS,2020)

Com o número de casos de COVID-19 a aumentar exponencialmente, a Organização Mundial de Saúde declarou o novo coronavírus como uma pandemia. (Tedros,2020)

De acordo com diversas autoridades de saúde internacionais, o impacto potencial de epidemia por SARS-CoV-2 é elevado, sendo expectável a propagação global do vírus. Por isso mesmo, o Diretor Geral da Organização Mundial de Saúde declarou, a 30 de janeiro de 2020, a doença por novo coronavírus como uma Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional. (Direção Geral de Saúde, 2020).

1.1 Ensino Online, de março a maio de 2020

Para dar resposta à propagação do vírus, a Direção Geral de Saúde, elaborou um documento designado Plano Nacional de Preparação e Resposta para a doença por novo coronavírus (COVID-19). (Direção Geral de Saúde, 2020). Este plano foi uma ferramenta estratégica de preparação e resposta a uma potencial epidemia pelo vírus SARS-CoV-2, e teve como referencial as orientações da Organização Mundial da Saúde e do Centro Europeu de Prevenção e Controlo de Doenças, sendo o documento de referência nacional no que respeita ao planeamento da resposta a COVID-19.

A elaboração deste documento teve como finalidade responder e minimizar o impacto por COVID-19 em Portugal, ou seja, minimizar os impactos sociais e económicos desta ameaça à Saúde Pública.

Como medida drástica de combate à pandemia, tentando controlar a sua expansão foi decretado o fecho das escolas, todas as atividades letivas ficaram suspensas no regime presencial, passando, assim, para um regime online, nunca antes utilizado em Portugal.

Após o encerramento das atividades letivas presenciais, o Presidente da República promulgou o Decreto do Governo que regulamentou o Estado de Emergência, todas as pessoas foram obrigadas a manter-se na sua residência, salvo as exceções de atividades consideradas imprescindíveis. (Decreto-Lei nº14-A/2020, 18< de março 2020).

A declaração do Estado de Emergência cabe ao Presidente da República, seguindo a Constituição, a lei fundamental que impõe limites ao poder e regula o exercício da democracia, estando em causa restrições à liberdade e a suspensão de direitos e garantias. Só pode ser declarado em situações que o país é confrontado com situações excecionais e de extrema gravidade, como em casos

de agressão efetiva ou iminente por forças estrangeiras, de grave ameaça ou perturbação de ordem constitucional democrática ou de calamidade pública. (Lei n.º 44/86, de 30 de setembro).

Devido à evolução epidemiológica e tendo como prioridade garantir o direito à educação das crianças e jovens, gradualmente, os países ajustaram as suas políticas e medidas, reabrindo os estabelecimentos de educação ou ensino. O encerramento dos estabelecimentos de educação ou ensino e o confinamento, ainda que sejam medidas necessárias para o controlo de uma epidemia, têm impacto nos determinantes sociais, mentais e ambientais da saúde, que se podem refletir em consequências a longo prazo no bem-estar físico, psicológico e social dos alunos. (Decreto-Lei n.º 10-A/2020).

O gráfico abaixo apresentado retrata a evolução do número de casos em Portugal desde o aparecimento do primeiro caso até ao dia em que foi declarado o Estado de emergência.

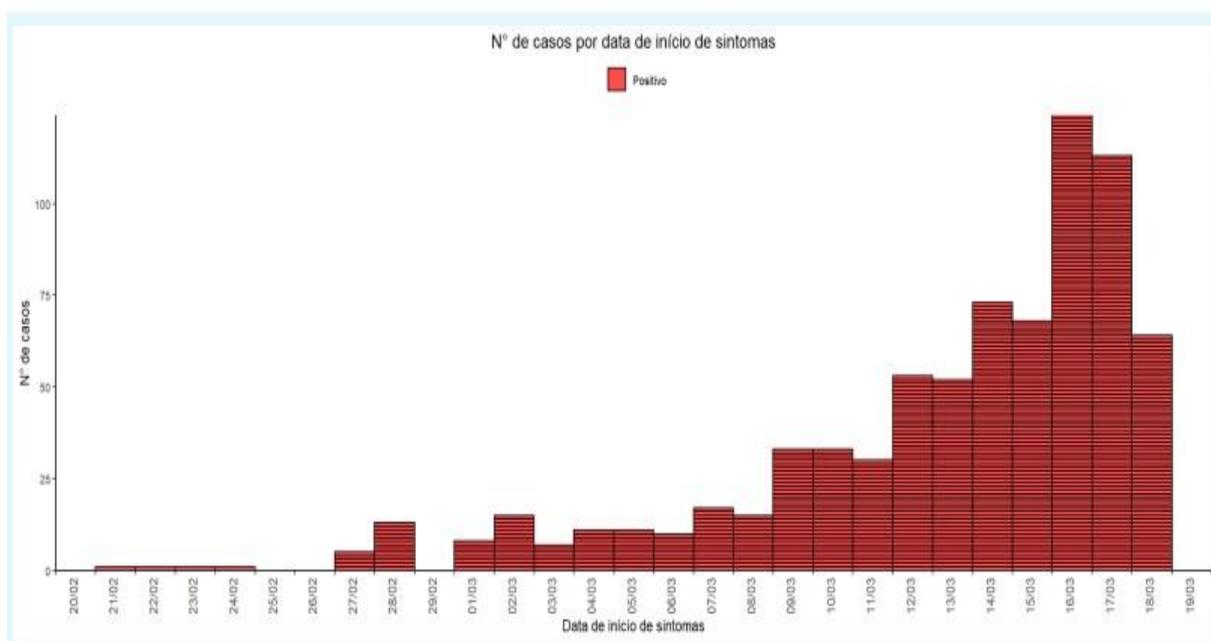


GRÁFICO 1: NÚMERO DE CASOS POR DATA E INÍCIO DE SINTOMAS 18 DE MARÇO 2020.

FONTE: DGS

Como é possível verificar no gráfico 1, o número de casos ativos foi aumentando sequencialmente, o que fez com que se sucedesse a declaração do Estado de Emergência.

Com o evoluir da pandemia, o decreto que promulgou o Estado de Emergência, continuou em vigor, assim como o regime de ensino online. O governo apostou na criação de aulas na televisão, de

modo a dar resposta às dificuldades que eram sentidas em ter atividades letivas em casa, uma vez que nem todos os alunos tinham acesso à internet e a computador para assistir às aulas em regime online. Para dar resposta a esta necessidade de acesso aos meios digitais por parte dos alunos, foi criado um Programa de Estabilização Económica e Social. (Programa de Estabilização Económica e Social, 2020). Este programa foi criado de modo a disponibilizar meios digitais a todos os alunos, para combater as desigualdades sociais, a que os alunos das classes sociais mais desfavorecidas foram os primeiros a receber os referidos meios digitais.

Neste Programa, elaborado pelo Governo português, houve uma necessidade de sensibilizar os docentes e os alunos para o desenvolvimento de competências digitais. Assim, segundo o programa anteriormente referido, foram implementadas medidas orientadas para disponibilizar meios digitais e recursos didáticos, a todos os alunos e a todos os docentes. Assim, numa primeira fase, ao nível infraestrutural, foi necessário: 1) adquirir computadores, conectividade e licenças de software para as escolas públicas, de modo a permitir-lhes disponibilizar estes recursos didáticos aos seus alunos e docentes, dando prioridade aos alunos abrangidos por apoios no âmbito da ação social escolar, até se alcançar a sua utilização universal; 2) Desenvolver um programa de capacitação digital dos docentes; 3) Incrementar a desmaterialização de manuais escolares e a produção de novos recursos digitais. (Programa de Estabilização Económica e Social, 2020).

No caso em concreto, estávamos perante uma situação de calamidade pública, sendo que o Estado de Emergência foi declarado no dia 19 de março e renovado a cada quinze dias até ao dia 30 de abril.

1.2 Ensino Presencial/Online. de maio a junho de 2020

Após o fim do Estado de Emergência, foi declarada a situação de calamidade.

A situação de calamidade só pode ser declarada quando, face à ocorrência ou perigo de ocorrência de acidente grave ou catástrofe (tal como definidos na lei), e à sua previsível intensidade, é reconhecida a necessidade de adotar medidas de carácter excecional destinadas a prevenir, reagir ou repor a normalidade das condições de vida nas áreas atingidas pelos seus efeitos (artigo 9.º/3 da Lei de Bases da Proteção Civil).

Segundo a Resolução do Conselho de Ministros n.º 33-C/2020, algumas medidas que tinham sido aplicadas relativamente ao combate da propagação do vírus foram retiradas. Com a declaração de

Estado de Calamidade, o país começou a reabrir gradualmente, sendo que os estabelecimentos de ensino só reabriram para os alunos do ensino secundário.

Com uma tendência decrescente do número de casos, o gráfico abaixo apresenta o número de casos confirmados desde que foi decretado o estado de emergência, até ao dia em que o país passou para estado de calamidade.

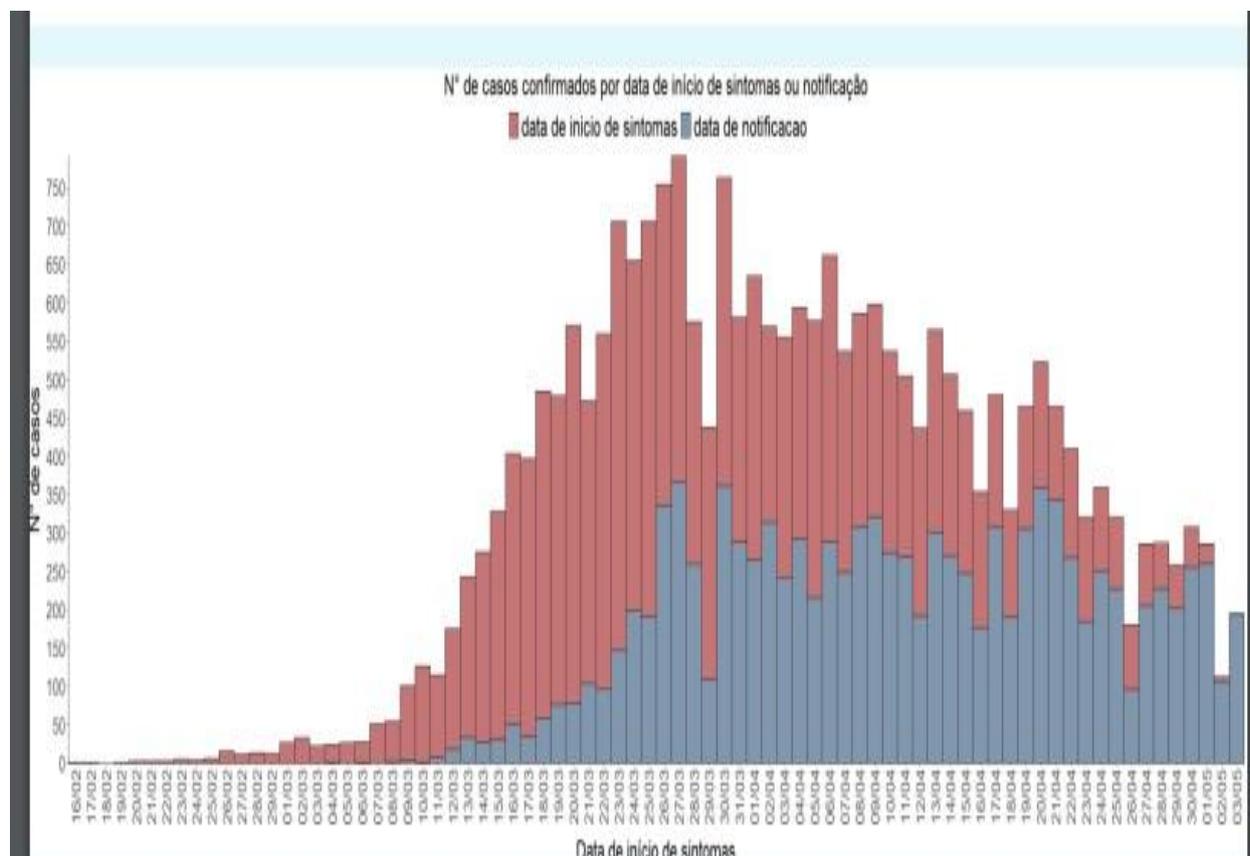


GRÁFICO 2: SITUAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA DIA 3 DE MAIO2020. FONTE: DGS

No gráfico 2 é possível verificar a evolução do número de casos em Portugal desde o dia em que foi confirmado o primeiro caso, até ao dia 3 de maio de 2020, dia em que foi decidida a abertura das escolas em regime presencial para os alunos do ensino secundário, dos 11º e 12º ano de escolaridade.

A Direção Geral de Saúde, elaborou um Manual de Medidas de Prevenção e Controlo da COVID-19 em Estabelecimentos de Ensino, para os alunos que iriam regressar à escola em maio de 2020 (DGS, 2020).

Desse manual é importante destacar medidas como:

- “ • A cada grupo deve ser atribuído, na medida do possível, uma zona da escola;
- Devem ser definidos circuitos de entrada e saída de aula para cada grupo, de forma a impedir um maior cruzamento de pessoas;
- Cada sala de aula deve ser, sempre que possível, utilizada pelo mesmo grupo de alunos, de acordo com a dimensão e características da escola;

Na sala de aula:

- Deve garantir-se a maximização do espaçamento entre alunos e alunos/docentes, mantendo a distância mínima de 1,5-2 metros. Para tal, as secretárias devem ser dispostas o mais possível junto das paredes e janelas, de acordo com a estrutura física das salas de aula;
- As secretárias devem estar todas viradas no mesmo sentido, evitando disposições em U ou outras que impliquem alunos virados de frente uns para os outros;
- Assegurar e privilegiar a ventilação e renovação frequente de ar, por exemplo através da abertura de portas e janelas. Em caso de utilização de ar condicionado, esta deve ser feita em modo de extração e nunca em modo de recirculação do ar e o equipamento deve ser alvo de uma manutenção adequada (desinfecção por método certificado);
- Cumprir as medidas de distanciamento, higiene pessoal e ambiental;
- Manter as portas de acesso abertas, de forma a evitar o seu manuseamento repetido por várias pessoas;
- Higienizar as mãos à entrada e saída do recinto escolar;
- Utilizar máscara durante a atividade letiva e em todos os espaços do recinto escolar;
- Restringir os movimentos no espaço escolar ao mínimo necessário, não efetuando atividades que impliquem a movimentação de alunos (ex: não chamar alunos para realizar exercícios no quadro);”

1.3 Ensino Presencial, de setembro 2020 a janeiro 2021.

Sequenciando os acontecimentos mais marcantes da covid e sendo o foco da investigação a escola, o regresso ao ensino presencial em setembro de 2020 foi marcado pela elaboração de um Referencial para as Escolas com objetivo de definir medidas a adotar nos espaços letivos. ´

Desse documento, elaborado pela Direção Geral de Saúde, é importante destacar medidas, como, por exemplo, o distanciamento, a higiene pessoal, a utilização de máscara em recinto escolar, e automonitorização de sintomas.

Sendo os estabelecimentos de ensino locais de convívio e partilha, foi necessário um ajuste das políticas e medidas implementadas de modo que fosse evitado um novo encerramento dos mesmos. (Direção Geral de Saúde, 2020).

Foi elaborado um conjunto de medidas de modo que fosse retomado o ensino presencial. Nesse sentido, uma orientação conjunta da Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares, da Direção Geral da Educação e da Direção-Geral da Saúde (Orientações Ano letivo 2020/2021, de 3 de julho de 2020) definiu as medidas que deviam ser adotadas.

A Direção Geral da Saúde (2020) refere as seguintes medidas:

- Planeamento meticuloso: atualização ou elaboração de um Plano de Contingência no qual constem os procedimentos a adotar perante um caso suspeito de COVID-19, o ponto focal do plano de contingência e os fluxos de comunicação com os diferentes agentes da comunidade educativa;
- Reorganização do espaço escolar: os estabelecimentos de educação ou ensino devem ser reorganizados de forma a cumprir a legislação em vigor e as Orientações, no que toca às medidas de distanciamento físico, higiene das mãos, etiqueta respiratória, utilização de máscara, ou outras constantes nas Orientações conjuntas para o ano letivo 2020/2021;
- Promoção de comportamentos preventivos: divulgação a todo o pessoal docente, não docente e encarregados de educação de informação sobre a doença, bem como sobre as medidas preventivas e a importância da mobilização da comunidade escolar para a sua prática;

- Gestão adequada de casos: identificação precoce dos casos, rastreio de contactos e aplicação das medidas de saúde pública;
- Comunicação fluída: estabelecimento de canais de comunicação e de interlocutores de referência entre os diferentes agentes da comunidade educativa, com especial importância para a rápida e articulada comunicação com a Autoridade de Saúde Local (Delegado de Saúde) /Unidade de Saúde Pública, aquando da identificação de um caso suspeito e/ou confirmado de COVID-19.

Com este Plano foi possível o regresso ensino presencial, sendo que as escolas tinham que dar resposta face à evolução da pandemia. Com o arranque do ano letivo (2020/2021), o número de casos de COVID-19 tendeu a aumentar de dia para dia. Todavia, os especialistas não associam a abertura das escolas a este aumento.

O Gráfico 3 representa a evolução dos novos casos no período de setembro a novembro. É possível verificar que, desde setembro, o número de novos casos aumentou. Com o aumento de casos ativos, foi decretado um novo estado de emergência pelo governo. (Decreto n.º 51-U/2020, 2020).

Evolução dos casos confirmados



GRÁFICO 3: EVOLUÇÃO DOS CASOS CONFIRMADOS FONTE: RTP 1

Como referido anteriormente, face ao aumento do número de casos no país foi de novo decretado o estado de emergência, sendo que as principais medidas adotadas foram referentes ao recolher obrigatório, a partir das 23h, e o encerramento de espaços comerciais aos fins de semana, às 13h, mantendo assim as atividades letivas, que viriam, contudo, a ser encerradas em janeiro de 2021. Face aos acontecimentos, o número de casos de covid-19 em Portugal, continuou a aumentar, sendo em janeiro de 2021, Portugal foi considerado o pior país do mundo no que diz respeito ao número de casos confirmados por milhão de habitantes. (Diário de Notícias, 2021).

Segundo dados da Our World, é possível ver a evolução diária de casos em Portugal de 2 de janeiro a 22 de janeiro de 2021. No dia 18 de janeiro, Portugal ultrapassou os restantes países e foi considerado o pior país do mundo. O gráfico representa, linhas comparativas da evolução do número de casos ativos em Portugal, com alguns países da Europa e do Mundo¹. De realçar, que o gráfico data de 2 de janeiro de 2021, a 22 de janeiro de 2021, dia em que foi decretado um novo Estado de Emergência (Decreto-Lei nº3/202), as escolas encerravam por um período de quinze dias.

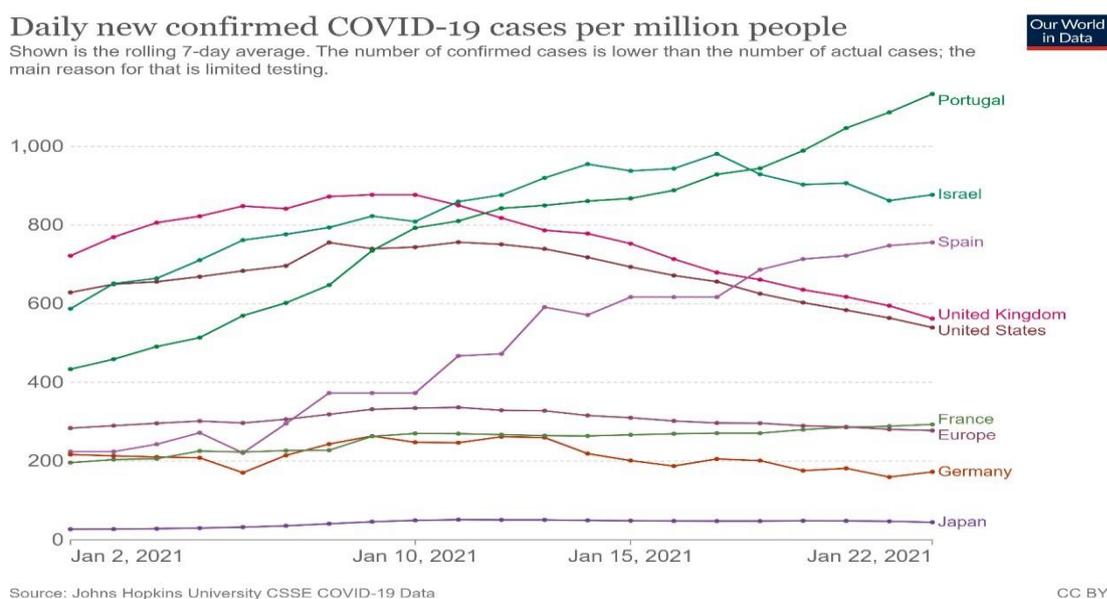


GRÁFICO 4: EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE CASOS POR MIL HABITANTES FONTE: UNIVERSITY CSSE

¹ Uma vez que não existem dados estatísticos que comparem Portugal e os restantes países da União europeia, fiz uma seleção dos países com um maior número de habitantes onde foi possível verificar que Portugal era o país com mais casos por cada milhão de habitantes.

Sequenciar os principais acontecimentos, medidas implementadas e como as escolas se adaptaram à nova realidade da COVID-19, é relevante para este trabalho, e permite analisar e compreender a análise metodológica. Uma vez que o tema principal do trabalho é ensinar em tempos de COVID, torna-se importante referenciar e sequenciar os diversos acontecimentos e fases de pandemia. Desde o encerramento das atividades letivas, ao formato de ensino online que foi novo e os docentes não estavam preparados e os alunos que não tinham recursos tecnológicos tiveram que se adaptar.

Capítulo III: Interação na Sala de Aula: dimensões profissionais, pedagógicas, psicológicas e tecnológicas.

Este capítulo fará referência às interações na sala de aula, às relações interpessoais e afetivas, assim como à disciplina e indisciplina na sala de aula. É importante falar da afetividade e das relações professor aluno e compreender como estas sofreram com as medidas implementadas na sala de aula devido à pandemia da COVID-19. Falar de disciplina e indisciplina é relevante, uma vez que este fenómeno foi alterado no contexto de aulas online, onde a indisciplina não era visível por parte dos docentes, mas estes sabiam que existia.

No que diz respeito às interações na sala de aula, estamos a falar na interação professor- aluno e nos processos de aprendizagem, adotados pelo professor. Diversos autores defendem que a afetividade está diretamente relacionada ao sucesso escolar dos alunos e que as relações interpessoais que os professores estabelecem com os alunos são importantes no sucesso educativo.

Segundo Hargreaves (1998, p.142), a profissão docente transformou-se num trabalho fortemente emocional por ter tanto de estimulante como de frustrante, o que torna o docente mais vulnerável no concerne às situações mais instáveis da vida escolar e dos juízos de valor.

As emoções dos professores em situações escolares nascem da leitura que fazem das interações que estabelecem sobretudo com os seus alunos. (Estrela, 2010).

Khine e Atputhasamy (2005,p.32), consideram que os níveis de sucesso escolar dependem da relação professor-aluno e, deve ser um fator a ter em consideração na avaliação do sucesso educativo.

Jesus (1996, p.26), refere que as questões educativas estão relacionadas com as relações interpessoais e que todo o processo escolar está relacionado com a afetividade entre professor- aluno.

Assim, a dimensão do afeto é fundamental no ato de ensinar, já que a relação entre ensino e aprendizagem se desencadeia através do desejo e paixão (Leite, 2012, p.179).

Figueiredo (2020), considera que o encerramento das escolas originou um grave prejuízo pedagógico, principalmente nas crianças. Com o encerramento das escolas, as relações sociais, as partilhas, o contacto físico e as brincadeiras foram condicionadas pelo facto de existirem regras e medidas de combate à pandemia nas escolas. Essas regras ditaram também que as relações interpessoais professores alunos fossem afetadas.

Para além de falar em relações afetivas e pedagógicas é importante falar e referir a gestão das salas de aula e como os docentes fazem isso de modo que não haja indisciplina.

Por gestão de sala de aula entende-se o conjunto de estratégias adotadas pelo professor, para influenciar os alunos a cooperar e envolver os mesmos nas atividades e diminuir os comportamentos

disruptivos (6), mantendo um ambiente adequado à aprendizagem (Djigic & Stojilkovic, 2011; Brophy, 1996, p.13). A adoção de estratégias eficazes de gestão de sala de aula indica uma gestão preventiva, permitindo que o professor se concentre na criação de um ambiente de sala de aula favorável à aprendizagem, e crie a ordem a partir das atividades (Brophy, 1999, p.17).

Com a pandemia causada pelo COVID-19, os professores tiveram vários desafios profissionais tendo de fazer uma gestão educacional diferente, adaptando estratégias de ensino. Quando o ensino passou para o regime online, este exigiu aos docentes saberes científicos e pedagógicos para ensinar num mundo tecnológico, que envolvia um conjunto de conhecimentos e capacidades. (Esteve et al., 2018).

Roldão (2018, p.3) refere “O uso de meios tecnológicos obrigou assim os docentes a serem os próprios gestores do currículo, decidindo o que deviam ensinar e o porquê, como o deviam fazer, quando, com que meios e com que organização”

Segundo Nóvoa (2019, p.181), a pandemia COVID-19 fez com que o ensino se reajustasse rapidamente, conduzindo assim à criação de novos ambientes educativos mediados pelas tecnologias digitais.

É importante fazer uma distinção entre os conceitos de disciplina e indisciplina, assim como as consequências e formas de indisciplina. Com a crise pandémica o conceito de indisciplina foi alterado, sendo que esta tomou novas formas.

Alonso (1987, p.9), define disciplina como um conceito, “que se reveste de alguma ambiguidade já que frequentemente lhe são atribuídos significados diversos como controlo, castigo, regulação ou organização e formação no sentido de alcançar a autodisciplina.”

Para Estrela (1998, p.17), “(...) quando falamos de disciplina, tendemos não só a evocar as regras e a ordem delas decorrente, como as sanções ligadas aos desvios e o conseqüente sofrimento que elas originam. Por isso, para muitos o conceito adquiriu um sentido algo pejorativo”.

Ivo Domingues (1995, p. 13) define disciplina como:

“um produto das relações pedagógicas, estabelecidas entre os atores dotados de diferentes poderes. É um constructo social, pois depende das definições sociais atribuídas em situação de ação social concreta. Ela traduz o clima organizacional, orientado para a aceitação passiva de ordens produzidas por quem exerce a liderança institucional”

Para Vasconcellos (1995, p. 50), a disciplina é definida como uma adequação do aluno, consoante aquilo que o professor quer, ou seja, o aluno é considerado disciplinado, se se comporta da maneira que o professor quer e se comporta consoante as regras da instituição escolar.

Diversos autores, definiram a indisciplina. O controlo da indisciplina na sala de aula é uma das tarefas mais difíceis com que um professor se depara (Domingos, 1992, p.12). Nesse sentido muitos professores não têm preparação para controlar os comportamentos de indisciplina na sala de aula.

Estrela (1986, p.15), define a indisciplina como um conceito em oposição à disciplina. Assim, refere que:

“toda a educação visa a inserção do indivíduo numa sociedade que se quer ordenada e harmoniosa, ou seja, disciplinada (o que pressupõe também a existência dos meios necessários para a manutenção da ordem). A disciplina social torna-se, assim, uma das finalidades mediatas da educação, sendo a disciplina educativa, o meio para atingi-la. Esta disciplina que se exerce de modo imediato sobre o indivíduo, apresenta-se, assim, como um objetivo e como um meio da sua educação, pois ela exige sob pena de punição, a aprendizagem gradual das regras de conduta e dos comportamentos que elas prescrevem. Além da sua função social, em geral, estes comportamentos regrados favorecem as condições das situações educativas satisfazendo os seus objetivos, revelando, assim, também, uma função educativa”.

Lourenço (2003, p.31) refere que “na escola, como em qualquer estrutura social, os conceitos de disciplina e indisciplina estão associados à necessidade dos seus elementos se nortearem por regras e normas de conduta e de ação que proporcionem a integração de cada pessoa no grupo-turma e na organização escolar em geral”.

Amado (2001, p. 167), refere que quando falamos de indisciplina, estamos perante “um daqueles conceitos tão vagos e extensos que, se não for prévia e operatoricamente definido, tanto pode referir-se a uma realidade merecedora de elogios, como expressar um daqueles piores males da sociedade contemporânea, dignos de condenação e combate.”

Para Jesus (1999, p.31), “a indisciplina dos alunos integra todos os comportamentos e atitudes que estes apresentam como perturbadores e inviabilizadores do trabalho que o professor pretende realizar”.

Silva (2001, p.9) refere que “a indisciplina nos remete para a violação de normas estabelecidas o que, em contexto escolar, impede ou dificulta o decorrer do processo de ensino aprendizagem”.

Gomes (2009 a, 2009b), defende que é preciso repensar no conceito de disciplina com vista a uma necessária reestruturação das relações sociais e interpessoais na escola e na sala de aula.

Na perspetiva de Gomes (1991, 2009 a), as definições tradicionais de disciplina foram desafiadas e deslegitimadas pela conjugação de valores democráticos (p. ex., liberdade de expressão, pluralismo ideológico, respeito pela diferença) e pós-modernos (p. ex., individualismo narcisista, hedonismo, primado do princípio do prazer, hiper-consumismo, rejeição de abordagens educativas e pedagógicas coercivas) são potencialmente geradoras de altos níveis de tensão e resistência, nas relações pedagógicas e educativas.

A indisciplina afeta o desempenho dos professores em lecionar, aumenta o stress e o desconforto dos professores; afeta, também, as relações pedagógicas dos professores com os alunos.

Ainda que existam outras definições de indisciplina, é importante frisar que a indisciplina é uma violação de normas que são estabelecidas em contexto escolar, principalmente na sala de aula.

Quando os alunos violam as regras o processo de aprendizagem é dificultado.

O professor pode ser, involuntariamente, é certo, um agente de indisciplina, ou seja, o bom ou mau funcionamento das salas de aula estão diretamente ligadas às regras estabelecidas pelos professores. (Estrela, 1992, p.75).

Estrela (1992, p.81), caracteriza os comportamentos docentes que permitem classificar os professores como bons ou maus organizadores da aula. Assim,

“enquanto que os bons organizadores estabelecem bem as regras e dão diretivas precisas, apresentam claramente as suas expectativas quanto aos comportamentos dos alunos, respondem a estes de forma consistente, intervêm mais prontamente para parar o desvio e utilizam mais frequentemente as regras em caso de indisciplina, os professores maus organizadores utilizam regras vagas e não reforçáveis, dão diretivas pouco precisas, comunicam ambigualmente as suas expectativas, são inconsistentes nas suas respostas à maior parte dos comportamentos desviantes dos alunos, ignoram mais vezes esses comportamentos, não evocam as suas consequências e reagem com lentidão”.

1.1 A questão da disciplina

A diminuição da indisciplina nas salas de aula, depende da maneira como o docente prepara as suas aulas e as leciona. Fernandes (2001, p.101), refere:

“Além do estabelecimento das regras, da atenção e cuidado que põe na relação, o professor evitará muitas ocorrências desagradáveis, se preparar as suas aulas, prevendo as atividades mais adequadas aos alunos e que mais os impliquem na sua própria aprendizagem e lhes confirmem responsabilidades. Finalmente, se o professor estiver atento e disposto a encorajar e a reforçar os comportamentos que demonstram interesse, e empenho, se recompensar os seus alunos com gestos e palavras que traduzem a sua satisfação, se valorizar os bons procedimentos, criará na sua aula um clima mais afetivo, fraterno e securizante.”

Segundo Magalhães (1992, p.110), as interações na sala de aula poderão ser também afetadas pelo funcionamento da turma enquanto grupo.

É importante distinguir os níveis de indisciplina. Amado e Freira (2009 e 2013, p.5), distinguiram três níveis de indisciplina:

- i. O desvio das regras de trabalho na aula;
- ii. A perturbação das relações entre pares;
- iii. Os problemas da relação professor-aluno;

O primeiro nível de indisciplina diz respeito aos comportamentos indisciplinados nas salas de aula, como a falta de pontualidade, falta de material e não cumprimento de tarefas. O segundo nível faz referência à relação entre os pares, ou seja, à relação entre os alunos na sala de aula que pode ser manifestada em comportamentos de bullying ou brincadeiras rudes. Por fim, o último nível traduz-se no confronto entre professores e alunos, em comportamentos de desobediência, insultos e agressividade.

A indisciplina assumiu novas formas num registo online!

Uma vez que, o ensino online era um ensino novo, muitos docentes não se sentiam à vontade para o uso dos meios digitais e das plataformas disponibilizadas pelo Ministério da Educação para o ensino online. Assim, o Ministério da Educação criou o Plano de Ensino a Distância (E@D), de modo que a ajudar os docentes na sua formação a adquirir competências no domínio do digital.

Em suma, as interações da sala de aula, a gestão da sala de aula e as relações interpessoais aluno professor e vice-versa, foram afetadas, uma vez que estes só tinham contacto virtual e quebraram-se, assim, as relações de proximidade que são criadas em regime sala de aula.

Capítulo IV Estudo empírico: opções metodológicas, procedimentos éticos, apresentação e análise de dados.

Este capítulo descreve e justifica os procedimentos adotados na realização da pesquisa empírica, explicando as opções metodológicas utilizadas, descrevendo a pesquisa empírica, caracterizando a amostra do estudo, descrevendo os participantes, com intuito de dar resposta à problemática em causa. Por fim, a apresentação dos resultados, a discussão e análise dos mesmos.

O estudo apoia-se numa metodologia qualitativa², tem como método o estudo de caso³ com combinação entre entrevistas e histórias de vida, considerando que esta será a melhor abordagem para os objetivos pretendidos, uma vez que este tipo de metodologia o permite.

Segundo Fortin (2009), é necessário adequar o tipo de investigação tendo em conta os objetivos que se pretende atingir, assim como os resultados. A investigação científica consiste na implementação de um processo sistémico de colheita de dados observáveis e verificáveis no estudo empírico, isto é: “no mundo que é acessível aos nossos sentidos, com vista a descrever, explicar, prever ou controlar fenómenos”. (Seaman, 1997: pag.5 cit. In Fortin, 2009).

4.1 Descrição da pesquisa empírica

O planeamento da pesquisa surgiu de diversas reuniões com os orientadores. Quando foi decidido o tema que iria ser estudado, foi elaborado um projeto de dissertação de mestrado, no qual ficou decidida a estrutura da dissertação, assim como iria ser feito o contacto com a escola, e qual seria o local onde se iria realizar a investigação.⁴

O principal objetivo do estudo foi conhecer e compreender as experiências vividas pelos professores(as) participantes no estudo ao nível da gestão da relação entre professores e alunos na sala de aula, no quadro da crise pandémica, e para as estratégias adotadas face ao que mudou das

² A pesquisa qualitativa é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade (TRIVIÑOS, 1987, p. 124).

³ Morgado (2012, p.56) define que o estudo de caso pretende analisar, descrever e compreender determinados casos particulares;

Para Chizzotti (1992), o estudo de caso assume-se como “[...] uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registam dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora” (p. 102).

⁴ Stake (1999, 2010) uma investigação, independentemente da sua natureza, recorre a métodos que podem ser utilizados por qualquer indivíduo, para estudar e aprender sobre um determinado assunto, ou seja, “(...) que o conhecimento é algo que se constrói, ao invés de algo que é descoberto.” (Stake, 1999, p. 89).

aulas online para o presencial, tomando, como período de referência, o ano civil de março de 2020 a março de 2021 (período pandémico).

Após o contacto com a escola, foi agendada uma reunião online, no dia 18 de novembro de 2020, através da plataforma zoom. Nessa reunião ficou definido que se iria realizar um estudo de caso qualitativo⁵, com recurso à entrevistas⁶ com objetivo de recolher e analisar sobre a gestão das salas de aula em tempos de covid, a gestão das situações de conflito e as suas interações.

Em seguida, após a autorização da escola para a realização da investigação perspetivada, elaborei uma Nota de Divulgação (Anexo), na qual explicava qual o processo de recolha de dados, os tópicos para o guião de entrevista e as garantias e procedimentos éticos, de acordo com as normas éticas da Universidade do Minho⁷. Nesta Nota, era feita referência ao facto de a entrevista ser gravada e transcrita para análise dos dados recolhidos.

Quando foi divulgada a Nota de Divulgação, através da representante da escola, surgiram algumas questões por parte dos participantes, tendo-se realizado uma nova reunião com a escola para esclarecer as dúvidas que surgiram. Para operacionalizar o contato com os professores que aceitassem participar no estudo foi criado um questionário online (Anexo) na plataforma “google forms”. Nesse questionário era mantido o sigilo e anonimato. No que diz respeito à identificação do (a) participante, a sua identificação era feita através do número institucional da escola, para que fosse possível contactar e agendar a entrevista, via “Zoom”, uma vez que nos encontrávamos em estado de emergência, e era impossível a realização das mesmas presencialmente. Deste modo também a investigadora ficava a saber se o participante tinha tomado conhecimento da Nota de Divulgação.

Divulgado o questionário de participação, a amostra foi constituída por setes docentes, seis professoras e um professor. De salientar que uma participante no questionário se recusou a realizar a entrevista, por ter pensado que em vez de entrevista seria feito um questionário com respostas de “sim” e “não”, modalidade que preferia.

A preparação da entrevista⁸, foi das etapas mais importantes da investigação, pois requereu tempo, e exigiu bastantes cuidados, sendo de destacar o trabalho de planeamento, e a atenção que foi

⁵ Fortin (2009b), descreve este tipo de metodologia como o que leva o investigador a observar, descrever, interpretar, e retratar o fenómeno tal como este se evidencia, tendo como finalidade descrever ou interpretar as questões da pesquisa.

⁶ Segundo Quivy & Campenhoudt (2008), as entrevistas caracterizam-se “pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e interação humana” (p. 191).

⁷ Gomes (2016, p.6) retrata que na prática, os valores ou normas éticas levam-nos a refletir sobre o que entendemos fazer ou não fazer na globalidade do processo científico em que estamos envolvidos ou comprometidos

⁸ A preparação da entrevista foi planeada de modo a compreender como é que os docentes viveram esta experiência de lecionar em tempos de pandemia. A planificação da entrevista foi importante para ver respondido os objetivos de estudo.

⁹ Por entrevista entende-se uma conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra (Morgan, 1988).

dada a procedimentos éticos como a garantia da proteção do anonimato da escola e dos participantes na pesquisa.

A utilização da entrevista semiestruturada deu-se mediante um guião pré-definido, e os entrevistados tiveram abertura para expressar livremente as suas opiniões e perspetivas, de acordo com a questão colocada. O guião de entrevista (Anexo) a, foi construído após a seleção das questões mais pertinentes sobre o ensino em tempos de covid.

Tendo pronto o guião de entrevista, o agendamento da entrevista foi realizado através de um email criado para esse efeito, sendo sugerido pelo participante o dia e hora que considerasse mais adequado para a concretização da entrevista. Após o contacto para a escolha do dia e hora da entrevista foi criado um link de reunião na plataforma zoom e partilhado individualmente com cada participante para acederem no dia e hora combinado para a realização da entrevista.

As entrevistas foram iniciadas em fevereiro de 2021 e terminaram em março do mesmo ano. Ao iniciar cada entrevista, foi feita uma breve apresentação do tema e a sua finalidade, e explicadas as medidas éticas de proteção da confidencialidade e do anonimato¹⁰ dos participantes no estudo, bem como a utilização exclusiva para fins académicos dos dados recolhidos, sendo as entrevistas gravadas através da plataforma “zoom”. No fim da entrevista, foi comunicado ao participante que após a transcrição da entrevista a mesma lhe seria enviada para validação da mesma, dando-lhe a possibilidade de confirmar a correspondência nente o dito e o transcrito.

4.2 Tratamento, apresentação e análise de dados

As dimensões de análise, encontram-se divididas de acordo com o guião de entrevista estruturado e com o conteúdo de cada questão. A análise foi organizada em três momentos:

O primeiro momento diz respeito ao ensino online, de março a junho de 2020, dividido em quatro dimensões, sendo estas, a dimensão pedagógica, a dimensão relações interpessoais, a dimensão comportamentos de indisciplina vs disciplina e a dimensão de ensino online.

¹⁰ Gomes (2006, p.8) relata que as garantias éticas são um ponto crucial para a pesquisa empírica ser validade. Citando Gomes ““De facto, é preciso sublinhar que sem a conquista de confiança daqueles que se pretende investigar (indivíduos, grupos, organizações, instituições) através, justamente, de garantias éticas e deontológicas, tais como, por exemplo, o anonimato, a confidencialidade, o consentimento informado, o respeito pela privacidade e segurança dos participantes nas pesquisas (...)”

O segundo momento de análise, faz referência ao ensino presencial, de setembro de 2020 a janeiro de 2021, dividido por dimensão pedagógica, dimensão relações interpessoais, dimensão comportamentos de indisciplina vs disciplina e dimensão de ensino presencial em tempos de pandemia.

O terceiro momento consistiu numa comparação entre o ensino online e o ensino presencial, tendo como dimensões os desafios pedagógicos e profissionais durante a situação pandémica.

Cada dimensão finaliza com uma síntese geral, onde os extratos de discurso mais relevantes estarão destacados ao longo do discurso de cada entrevistado com letra em “itálico”.

4.2.1 Ensino online de março a junho de 2020

Dimensão de Análise 1: Pedagogia

Questão 1. Preparação de aulas, mudança do ensino presencial para online.

E2: “Ora bem, foi muito difícil, muito, muito difícil, porque sobretudo a organização da escola para a direção e os assessores da escola e as pessoas das tecnologias tiveram um fim-de-semana incansável sobre-humano para a abrir o Teams, pôr as turmas a funcionar.”

“Porque era estranho e quando é estranho, mexe com a nossa estabilidade”

“na questão digital, questão digital nós fomos habituando às teams. O team tem um potencial enorme, um potencial enorme.”

“Depois que fomos descobrindo que havia os questionários “forms”, fomos adaptando para aplicar à distância com perguntas falso verdadeiro, perguntas da autoavaliação de heteroavaliação, tanto a avaliação. É a tal autoavaliação que eles têm que fazer”

E3: “Houve uma necessidade clara de fazer uma adaptação, (...) foi diversificar as plataformas, mas percebi que isso depois acaba por gerar alguma dificuldade aos alunos

para acompanharem. Por exemplo, eles trabalhavam comigo na escola virtual que é uma das plataformas dos grupos editoriais, o “kahoot” e o “teames” por exemplo, eu acabei por focar apenas no “teames” que é a nossa plataforma e na escola virtual que é a plataforma manual que utilizada. Depois a criação de tarefas para eles poderem trabalhar autonomamente”

“no ensino a distância era mais focado no trabalho autónomo, tentando utilizar um bocadinho a estratégia da *flip classroom* (sala de aula invertida), ou seja , eles faziam a tarefa imagine na escola virtual essa tarefa servia de preparação para na aula síncrona seguinte fazemos a revisão das aprendizagens, colocarem as dúvidas , discutimos os tópicos, e depois no final fazemos um teste para fazemos a avaliação, houve uma mudança significativa. “

E4: “O início foi um bocado contorcido(sic), por sorte, não sei se é por sorte por sorte, o que é que eu notei de diferença, notei que no ensino à distância há muita papelada a preencher, muita, obriga-nos ainda depois coisa ter que colocar na “teams”, ou nas plataformas que a gente utiliza, tudo o que é preciso fazer ao pormenor enquanto nós na aula já estamos mais à vontade e não é preciso esquematizar tudo, planificar tudo, claro que nós planificamos, só que por tudo no papel e muitas vezes repetir na reflexão, nas atividades do professor, no sumário, é muito, muito complicado, é trabalho acrescido e depois temos que pensar em estratégias e instrumentos mais apelativos para que os miúdos consigam aprender os conteúdos”

E5: “que eu fiz foi continuar um bocadinho a utilizar aquilo que eu já utilizava em sala de aula e preparar inclusive uma formação para professores e depois eu dei um género de *webinar* para todos os professores”

“o que é que eu uso e continuo a usar, é uma ferramenta chamada de “*on note*”, “*milage*””

“portanto, como eu já usava algumas estratégias que tanto tava a pensar na presencial como à distância a passagem, ou transição tanto para mim como para os alunos foi relativamente pacífica”

“comecei a gravar vídeos como os meus alunos a parte teórica dar aula era gravado em vídeos e disponibilizados para os alunos”

E6: “Isso é uma pergunta muito complicada. Então o que aconteceu foi que nós fomos apanhados de surpresa sem qualquer espécie de preparação”

“o uso a tecnologia na vida das minhas necessidades isso pra mim foi um desafio muito grande e difícil.”

“Mas o problema maior foi o resto, porque, porque eu tive consciente e mais que nunca que de facto nós não desenvolvemos a autonomia no trabalho dos alunos”

“a grande questão foi a autonomia, quer autonomia deles na gestão do seu tempo e do seu trabalho”

“nós não temos espaço, os professores não têm espaço de criar de inventar, nós temos de obedecer, agora com as direções, as coisas são mesmo assim é papeis, é grelhas, é modelos, uma coisa tremenda, mas de facto acho que é isso. Eu já tinha tido essa percepção com explicações por acaso, eu nunca permiti explicações cá em casa porque acho que isso é a razão pela qual os alunos, os jovens, as pessoas perdem uma enorme capacidade de autonomia”

E7: “para mim foi brutal a mudança brutal mesmo. Nós tínhamos conteúdos programáticos, sobretudo aqueles que implicam equipa, interação com colegas e, portanto, nós tivemos que parar de lecionar essas modalidades em termos práticos. Não sabíamos se eles tinham condições e mesmo por questões também de segurança e, portanto, optamos por lecionar mais a parte da condição física, manter a condição física e evitar um sedentarismo que é das coisas que mais nos preocupa nesta, relativamente à nossa disciplina nesta situação de pandemia e de estarem mais isolados. A atividade física diária diminui drasticamente e depois também a parte da atividade física que depois associada a uma parte emocional, também um bocadinho mais em baixo, poderá levar a este sedentarismo e à obesidade consequentemente e outros problemas de saúde.”

Questão 2. Estratégias pedagógicas utilizadas.

E1: “Mandava-lhes uma ficha pedia para eles mandarem por email ou por aqui também podem mandar pela plataforma...”; “Tenho feito *power points*, os testes no “*forms*”, fichas de trabalho que mandei por email, mandei a experiência”

E2: “Pronto procurei incentivá-los com a motivação sempre, sempre e alguns carinhos que ficaram um bocadinho deprimidos. Senti mesmo que eles ficavam deprimidos”

“As estratégias, por exemplo quando o tema dava para propor dois filmes temáticos que eu uso muito também isso, sempre usei. Dois filmes temáticos, que não ia de acordo com o que eu já tenho, não eu ia procurar coisa nova, coisa interessante”

“Não debitava muito tipo matéria, tipo fazer um discurso porque eles dispersavam, via-se mesmo que eles dispersavam, tentavam conectá-los através do diálogo. Dei algumas estratégias mais apelativas, dei alguns vídeos motivadores”

E3: “Portanto, acho que me foquei muito na questão da *flip classroom*, sala de aula invertida, se calhar não tanto no trabalho colaborativo, agora já estou a tentar fazer mais isso.”

E4: “Utilizei mais vídeos e passei a utilizar mais vezes a interpelação verbal eles terem que me responder”

“comecei a fazer com maior regularidade foi o processo de feedbacks informais coisa que eu não fazia com tanta regularidade se calhar quando me entregavam o trabalho, eu agora como eles colocavam na “*teams*””

E5: “a aplicação “*milage*”, “aprender mais” é o “*on note*” e depois, há todo aqui um trabalho de investigação da melhor forma de avaliar os alunos, isso é que o me preocupa também muito.”

E6: “muito complicado porque eu tinha que ter uma garantia de que eles faziam esse trabalho autónomo”

“é um problema, o que é que eu fazia, perguntas questões, pois há o problema de eles copiarem, de escreverem uns pelos outros e a minha defesa foi um bocado a voz. Ouvir a voz deles porque eu conheço-a e era a voz deles, a voz deles a responder, a voz deles a ler

o que escreveram, a voz deles a ler o texto porque eu aí tinha uma garantia que eles eram eles que estavam a ler. “

E7: “então houve realmente mudanças drásticas, na planificação e sobretudo nesta parte da unidade didática a lecionar os desportos coletivos ficaram um bocadinho nos moldes teóricos, demos um bocadinho os moldes teóricos em termos de regras e de aspetos técnicos.”

“Nós temos a estratégia que nós adotamos, na sessão síncrona os alunos para a realização do exercício físico, quer na sessão, síncrona, no resto da sessão síncrona, quer depois no trabalho assíncrono e na sessão síncrona a maior parte dos meus alunos exercitam comigo e junto de mim é uma estratégia e eu possa vê-los de facto, no ano passado que a maior parte dos alunos não ligavam a câmara, eu tinha mais que acreditar que estavam a fazer. E depois queria estratégia de pedir um relatório do exercício que fizeram ,como é que sentiram a que grupos musculares é que sentiram mais trabalhados, que dificuldades, qual foi o exercício que mais lhes custou e, de facto, dos alunos de uma fase inicial que podia até ter dúvidas que pudessem estar a fazer, mediam a pulsação cardíaca e, portanto, depois, eles começaram a perceber que era melhor fazer, é porque facilitaria depois a realização desse relatório foi uma estratégia que nós usamos depois de forma assíncrona, os alunos realizam também um exercício físico, lá está, é mesmo a nossa prioridade e, de facto, uma vez por semana, é insuficiente, e nós eu mando sempre uma planificação semanal ao fim de semana e os alunos sabem que tem que fazer sincronamente e assincronamente”

“eles têm que elaborar uma tarefa comprovativa, da realização desses exercícios, como lhe disse, seja o relatório, alguns até terão que fazer um pequeno vídeo deles a realizar para eu ver a qualidade técnica.”

Questão 3. Avaliação das aprendizagens

E1: “Olha tenho feito então os testes no “forms” e não só, vejo se os alunos fizeram a experiência. Avalio a parte da experiência feita em casa, avalio ali uns trabalhos que tenho

mandado fazer, os TPC e os testes no “forms”. Mas acho que não é a mesma coisa. Mesmo na avaliação acho que nós na sala de aula conseguimos mais de encontro às dificuldades do aluno”

E2: “(...) relatório crítico sobre um documentário, uma composição sobre uma aula oficina sobre um tema, um questionário oral, o questionário para aferir conhecimentos a nível de questionário “forms”, a ferramenta melhor para avaliar à distância, porque dá para fazer perguntas extensas, perguntas curtas, dá para pôr metade a uma turma, metade a outra, diferente, dá para, minimizar o copianço.”

“o teste fica como uma ficha formativa, porque ajuda, e depois há aqui uma coisa, a noção de cruzar os dados, cruzar os dados, se na oralidade tiveram tanto, questão aula tiveram tanto são avaliações diferentes para competências diferentes. E cruzando os dados, temos uma média, vamos ter juízos de valor e foi esse juízo de valor que nós tentámos fazer.”

E3: “eu pedia aos alunos para manterem os microfones ligados e as câmaras ligadas as perguntas eram ministradas pelo “forms”, assim como a resposta também, para tentar minorar a probabilidade de haver trabalho colaborativo aqui e também se baseou em trabalhos de pesquisa individuais”

E4: “Foi feito através de questionários online e basicamente reflexões críticas apelando muito ao sentido pessoal. “

E5: “a avaliação é muito mais que uma testagem escrita, e nós temos que ter meios de triangulação do conhecimento do aluno”

“A avaliação era, ou seja, através de da oralidade na aula, era através se viam os meus vídeos ou não, e para isso eu fazia uns questionários, como fazia uns vídeos também fazia uns questionários, uns

forms, para fazer pequenas perguntas sobre isso, depois eu tinha o “*milage*”, lá está eu tinha o “*milage*”, como eles têm que resolver o exercício no caderno, têm que tirar fotografia, têm que me enviar eu consigo monitorizar (...) Portanto, avaliar online é, se já é difícil avaliar de forma presencial porque temos sempre aquela sensação deixem ver se estamos a avaliar de forma correta avaliar online é 1000 vezes mais difícil porque todos estes fatores externos, se fizermos aqui, há uns certos fatores externos que nos vão sempre causar ruído na nossa avaliação, é muito complicado.”

E6: “A escrita foi, foi o dado, a parte mais difícil. Embora depois tenha recorrido ao caderno digital, das “teams” porque os “quiz” para escrita é zero, não dá, aquilo não avalia nada, aquilo não dá para nada se quer que lhe diga”

“E depois pronto íamos construindo um texto lentamente, muito monitorizado por mim, mas nunca com a garantia de que efetivamente não era escrito por outra pessoa, ou pelo menos ajudado por outra pessoa.”

E7: “eles enviam um vídeo de execução, avalio, avalio e depois a qualidade das tarefas que eles enviam lá estava os tais relatórios, a escolha do link, por exemplo, eles tiveram que escolher o tal link, isso tem um peso de 5%, mas tem um peso e, portanto, todas as tarefas que ele tem que fazer tem um peso.”

“eu vejo a qualidade, o empenho, a dinâmica, a força que eu noto que eles têm, a condição física que eu noto que eles têm pelo volume que imprimem no exercício físico, avalio aqueles alunos que não vejo eles enviam diariamente ou deverão mandar, se não mandarem tem zero nesse item enviam um vídeo executar e, portanto, avalia-os também”

“os outros 50% são idênticos é o empenho, é a participação, é a pontualidade, a curiosidade e a autonomia depois eu vejo é pronto, entregar as tarefas a tempo, todas as questões, não há os banhos agora, há algumas adaptações, mas de uma forma geral, a parte socio afetiva, avaliação do socia afetiva é idêntico, o domínio cognitivo também será idêntico porque nós só avaliamos no terceiro período através de um trabalho e esse, se calhar, vai permanecer idêntico.”

Destaques

Estes destaques discursivos – que visam facilitar a apreensão e a compreensão das experiências e perspectivas dos professores - representam o que considerei mais significativo e relevante na globalidade dos discursos obtidos através das entrevistas realizadas com os professores (as) que aceitaram participar no estudo empírico, concedendo entrevistas.

Dimensão de Análise 1: Pedagogia

É notório que a adaptação aos meios tecnológicos por parte dos docentes não foi fácil, assim como a autonomia por parte dos alunos se tornou um problema. Quanto às estratégias pedagógicas utilizadas, os professores recorriam todos ao mesmo método de ensino. A avaliação das aprendizagens diferia de disciplina para disciplina. Os professores utilizavam as ferramentas disponibilizadas nas plataformas online para fazer a avaliação das aprendizagens.

Questão 1. Preparação de aulas, mudança do ensino presencial para o ensino online.

E2: “foi muito difícil, muito, muito difícil”

“na questão digital, questão digital nós fomos habituando às teams”

E3: “Houve uma necessidade clara de fazer uma adaptação”

“alguma dificuldade aos alunos para acompanharem.”

“no ensino a distância era mais focado no trabalho autónomo”

E4: “início foi um bocado contornado(sic)”

E5: “*on note*”, “*milage*”

E6: “o uso a tecnologia na vida das minhas necessidades isso pra mim

foi um desafio” **E7:** “foi brutal a mudança brutal mesmo”

Questão 2. Estratégias pedagógicas utilizadas

E1: “ficha”; “*power points*, os testes no “*forms*”, fichas de trabalho”

E2: “estratégias mais apelativas”

E3: “*flip classroom*, sala de aula invertida”

E4: “utilizar mais vezes a interpelação verbal”; “processo de feedbacks informais”

E5: “aplicação “*milage*”, “aprender mais” é o “*on note*”

E6: “trabalho autónomo”

E7: “elaborar uma tarefa comprovativa”; “relatório”

Questão 3. Avaliação das aprendizagens

E1: “os testes no “*forms*”

E2: “relatório crítico”; “questionário “*forms*”; “ficha formativa”

E3: “*forms*”

E4: “questionários online e basicamente reflexões críticas”

E5: “oralidade na aula”; “questionários, uns *forms*, para fazer pequenas perguntas sobre isso, depois eu tinha o

“*milage*”

E6: “*teams*”

E7: “são idênticos é o empenho, é a participação, é a pontualidade, a curiosidade e a autonomia”

Síntese reflexiva

Esta dimensão tem como objetivo compreender como é que os professores mudaram as suas estratégias pedagógicas do ensino presencial para o ensino online. É importante entender o que mudou na vida profissional destes docentes e as estratégias adotadas, como foi feita a avaliação das aprendizagens e a preparação das aulas.

No que concerne à questão da preparação das aulas e à mudança do ensino presencial para o ensino online, é notório que os entrevistados fizeram alterações à sua forma habitual de lecionar. No caso da entrevistada E2, é de realçar que a mesma sentiu dificuldades no acesso aos meios digitais e que toda essa mudança foi difícil. A entrevistada E6, salienta também o facto de o acesso às plataformas digitais serem um problema e que sentiu uma grande dificuldade nesta mudança. Um aspeto relevante e referido pelos entrevistados E3 e E6 é que ambos referem que o grande problema relativamente aos alunos foi a questão da autonomia e que os alunos não mostravam ter autonomia para a realização dos trabalhos propostos.

Na questão das estratégias pedagógicas utilizadas, de um modo geral, todos os entrevistados utilizaram as plataformas “teams”, fichas de trabalho, “*power points*”, “*forms*”, “*flip classroom*”, “*milage*”, no geral todos adotaram as mesmas estratégias.

Para finalizar esta dimensão, a questão da avaliação das aprendizagens foi feita para todos os entrevistados através de questionários “*forms*”, relatórios, fichas formativas, reflexões críticas, oralidade na aula e “*quis*”.

De um modo geral, todos os entrevistados, utilizaram as mesmas estratégias e a mesma avaliação das aprendizagens, contudo é importante evidenciar que dois dos entrevistados sentiram muitas dificuldades no formato de adaptação ao ensino online.

Em suma, esta dimensão tem como objetivo responder às questões de investigação que visam mostrar como os docentes se adaptaram e as estratégias pedagógicas que utilizaram.

Dimensão de Análise 2: Relações interpessoais

Questão 1. Comunicação com os alunos e dificuldades colocadas por parte dos alunos e no relacionamento com professores e os colegas

E1: “Então nós estamos a falar com a máquina e a máquina não têm emoções”;

“Uma pessoa está a dar a aula para um ecrã praticamente. É uma relação muito impessoal. E acho que também faz falta a parte afetiva na relação professor-aluno.”

E2: “(...) eu acho que há professores que por natureza são professores ansiosos.”

“Eu digo-lhe uma coisa eu sinto-me muito feliz por ter o agrupamento que eu tenho, é uma escola secundária, sinto-me muito feliz porque pelo menos há preocupação em ver o lado do aluno. “

“Eu estou revoltada, muito revoltada, revoltada contra as paredes, mas estou revoltada por dentro por ver gente que pensa mal.”

E3: “Em relação à primeira parte relativamente à comunicação com os alunos, eu acho que isso difere muito de umas turmas para as outras, dependendo da relação que nós temos com eles. À partida há alunos com quem nós comunicamos mais em ensino à distância do que comunicávamos presencialmente”

“A relação com os colegas, confesso que não sou exemplo nesse aspeto, nós na escola temos que semanalmente fazer uma motorização do nosso trabalho e fazer uma reflexão e portanto todas as semanas comunicamos com o diretor de turma e temos acesso à reflexão dos outros colegas e portanto de alguma forma existe aqui esse contacto, mas se calhar devíamos trabalhar mais de forma

colaborativa nós também eventualmente para desenvolver atividades pudessem ser instrumento de avaliação e de aprendizagem em simultâneo para várias disciplinas porque uma das questões que os alunos se queixam é a sobrecarga das tarefas”

“não gosto da comunicação por mail”

E4: “quanto menos interagirem melhor, eu notando isso comecei então a obrigá-los a fazer dinâmica de aulas diferentes e era como há bocado estava a dizer alguns ligavam, mas não tinham a câmara ligada porque não eram obrigados, a gente não sabia e agora com a câmara eles têm que estar ali ligados para se ver”

E5: “felizmente estou numa escola em que o trabalho de equipa é excelente, não só entre a mesma disciplina, mas também interdisciplinar. E pronto há muita partilha se nós descobrimos uma coisa nova nós partilhamos há um bom ambiente nesse aspeto entre professores.”

“Para além das aulas eu também marcava tempos de apoio personalizados, e pronto, às vezes marcava só para falar com eles. (...) o aluno tem que trabalhar de forma autónoma e os alunos não têm esta autonomia, esta era a primeira a preocupação dos alunos. A segunda preocupação (..)os alunos estavam sobrecarregados eles nem podiam respirar tantas tarefas que tinham que fazer.”

“O desânimo, um desânimo deles todos estarem exaustos, mas não era só os alunos, era alunos e professores completamente exaustos de tantas horas em frente ao computador, estas são as maiores dificuldades dos alunos. Ao início o número de tarefas que recebiam e depois a autonomia que já falei de autonomia, e depois o cansaço, o cansaço enorme, foi muito mau e continuar a ser.

“Isto está a afetar muito, muito, muito uma grande, jovens que querem, que têm objetivos na vida e sinto-os completamente sem saber o que fazer. Eles estão mesmo a entrar em depressão, porque isto está a afetá-los, a preocupação é tanta que eles chegam a não dormir não comem e não conseguem estar atentos e depois em termos de saúde e muito, muito, muito complicado não é só exaustão já.”

E6: “foi assim uma coisa”

“No caderno digital, só eu é que leio o que eles escrevem eles escreveram coisas que não teriam nunca escrito se eu estivesse à beira deles. (...) Portanto é verdade que a proximidade física tem vantagens, mas esta mediação também abre um espaço, sobretudo para alunos mais reservados e mais tímidos que às vezes nos surpreendem, foi essa a experiência que eu tive.”

E7: “Eu envio um mail aos alunos quando eles não estão a cumprir”

“Comunicação depois assim síncrono tem funcionado relativamente bem. Eu reconheço quando, por exemplo, eu permito que que deem opiniões gera-se ali um bocadinho de confusão.”

Questão 2. Reação/adaptação dos alunos

E1: “Eles, não acho que os alunos estão sempre, isso de tecnologias, eles estão sempre mais à frente de nós. A minha geração, eu já venho do tempo da máquina de escrever, e do quadro a giz”

E2: “Os do básico o que eu sei, do que eu sei, do básico, eles ignoram, ignoram, ignoram o máximo possível as atividades.”

“Eles fingem que não há internet, eles fingem porque eles são abeis a mentir, fingem que não tem rede, fingem que não tem microfone, ou fingem que se esqueceram, fingem que tiveram problemas só para não fazerem as atividades. Mas estão a jogar.”

E3: “Primeiras semanas maravilha estamos em casa e depois começamos a perceber que há um impacto significativo do isolamento”

“portanto eu acho que inicialmente tiveram aquela euforia de estarmos de férias, estamos em casa, mas acho que se passou, de uma forma geral passou muito rápido.”

E4: “Não, não levam o ensino a sério é o que eu acho.”

E5: “Ao início eles estavam todos contentes, estamos em casa (...) não havia câmaras, outros até estavam de pijama e notava-se ali uma certa descontração havia aquela, isto vai ser fixe, o início havia aquela sensação e depois começaram a perceber que as coisas começaram a complicarem-se e começaram a perceber que se calhar não estavam aprender e depois é uma bola de neve, se não perceberam a aula anterior vêm a aula seguinte e seguinte e quando se aperceberam alguns deles estava complicada a situação, em relação aos alunos era isso. Ao início uma curiosidade grande e depois uma bola de neve que eles não sabiam por onde sair, é complicado.”

“aqueles que não estão empenhados, houve um desleixo completo, e uma perda de ritmo completa daquilo que estavam a fazer.”

E6: “É muito difícil uma pessoa perceber, eu estou neste meu espaço de intimidade, mas estou a ter uma relação institucional, e estou no meu espaço institucional embora fisicamente, seja pessoal e íntimo, na aula online, eu vou passar para um espaço institucional. Isso acho que lhes fez um bocado de confusão”

E7: “também não posso pedir nada de muito exigente em termos físicos, pode também pô-los em riscos, em termos de saúde e exercícios muito complexos também não porque eles depois, como não estou de forma assíncrona, não estou a corrigi-los, não estou a vê-los também tenho receio que eles se magoam.”

Dimensão de Análise 2: Relações Interpessoais

Nesta dimensão os relatos dos docentes mostram preocupação e falam muito na relação afetiva com os alunos.

Também realçam que a adaptação dos alunos nem sempre foi a melhor.

Questão 1. Comunicação com os alunos e dificuldades colocadas por parte dos alunos e no relacionamento com professores e os colegas

E1: “Então nós estamos a falar com a máquina e a máquina não têm emoções”: “parte afetiva na relação professor-aluno.”

E2: “Eu estou revoltada, muito revoltada, revoltada contra as paredes, mas estou revoltada por dentro por ver gente que pensa mal”

E3: “devíamos trabalhar mais de forma colaborativa”

E4: “quanto menos interagirem melhor”

E5: “O desânimo, um desânimo deles todos estarem exaustos, mas não era só os alunos, era alunos e professores completamente exaustos de tantas horas em frente ao computador,”

E6: “proximidade física tem vantagens, mas esta mediação também abre um espaço”

E7: “envio um mail aos alunos quando eles não estão a cumprir”

Questão 2. Reação/Adaptação dos Alunos

E1: “alunos estão sempre, isso de tecnologias, eles estão sempre mais à frente de nós”

E2: “eles ignoram, ignoram, ignoram o máximo possível as atividades.”; “Eles fingem que não há internet, eles fingem porque eles são abeis a mentir, fingem que não tem rede”

E3: “há um impacto significativo do isolamento”

E4: “Não, não levam o ensino a sério é o que eu acho.”

E5: “Ao início eles estavam todos contentes (...) começaram a perceber que se calhar não estavam a aprender”

E6: “É muito difícil uma pessoa perceber, eu estou neste meu espaço de intimidade, mas estou a ter uma relação institucional”.

Síntese reflexiva

Esta dimensão diz respeito às relações interpessoais, à comunicação com os alunos e colegas e às principais dificuldades colocadas por parte dos alunos e qual a sua reação/adaptação ao formato de ensino online.

A entrevistada E1, relatou que a relação que existia era considerada muito impessoal neste ensino e que sentia que estava a falar para uma máquina, que deixou de existir relação afetiva entre professor e aluno.

O entrevistado E3, refere apenas que a comunicação com os colegas de trabalho deveria ser mais colaborativa. No diz respeito à comunicação com os alunos, a entrevistada E4 refere que os alunos preferem não interagir na aula, a entrevistada E5 relata que a exaustão sentida e o desânimo que os alunos estavam a sentir com aquele ensino online, assim como o sentido de desorientação em relação ao próprio futuro deles.

Na questão da reação/adaptação dos alunos, é importante realçar que a Entrevistada E2 relatou que os alunos fingiam sobre as questões de internet, microfone, dizendo que tinham problemas tecnológicos para não assistirem às aulas. O entrevistado E3 realça que houve um impacto significativo do isolamento nos alunos, assim como a entrevistada E5 também realça este impacto, como os alunos sentiram que estava a ter implicações no seu futuro e que não estavam a aprender nada em casa. A entrevistada E4, relata que os alunos não consideravam o ensino online a sério, ou seja, que era como uma brincadeira.

Destacamos assim desta dimensão, os relatos que recordam que as relações interpessoais foram as mais afetadas, e que isso prejudicou, em muito os alunos. A comunicação com os professores também foi afetada.

Dimensão de Análise 3: Comportamento: indisciplina vs disciplina

Questão 1. Comportamento: disciplina vs Indisciplina dos alunos em período pandémico

E1: “É melhor. É melhor, embora ainda venha alguém às vezes para ali comer, a gente chama a atenção, ele lá para, mas o comportamento nem se fala é muito melhor. “

“(…) Mas eu também tenho um bocado de medo que do outro lado eu acho que às vezes eles deixam aquilo ligado e vão dar uma volta”

“(…) tento passar por eles todos para ver se eles estão lá, se não estiverem marco falta.”

E2: “Eu, ou não sei, ou tenho muito bons alunos, ou sou muito sortuda”

E3: “Eu felizmente, tenho uma boa relação com os meus alunos e não tenho problemas disciplinares na sala de aula, (...) E no ensino a distância eu acho que isso acabou por se manter, não sei se bem ou mal”

“eu não me sentia no direito de lhes pedir para ligarem as câmaras e eu não posso afirmar que eles estavam sempre lá”

“às vezes a gente faz uma pergunta e ninguém responde do outro lado e portanto também podemos chamar a isso indisciplina”

E4: “Passaram a ser zero, não houve problemas”

E5: “Desapareceu, ou seja, daquilo que eu monitorizei não houve praticamente indisciplina, porque é assim, os alunos que normalmente são indisciplinados, nem sequer os microfones ligavam, como não havia câmaras, nem microfones eles estavam no cantinho deles sabe-se lá a fazer o que durante a aula, e portanto como o professor não podia monitorizar a indisciplina desapareceu, mas não quer dizer que eles tenham um bom comportamento quer dizer apenas que o professor não tinha provas, ou, não tinha como provar que ele estava a fazer algo de errado ou não.”

“a indisciplina registada e temos que falar naquilo que nós como escola temos dados, desapareceu, não quer dizer que não existisse, se calhar existia de forma mais grave, uns ligavam a aula e adormeciam, outros iam jogar jogos, isto tem que ser claro, tem que ser claro só que naquela altura os professores não podiam monitorizar.”

E6: “Sabe um uma aluna que me disse “ó professora eu não queria nada que fossemos para casa, só tem uma vantagem, é que não tenho faltas disciplinares”

“Portanto não quer dizer que o comportamento não seja melhor, quer dizer que não temos é uma capacidade de perceber o que eles estão a fazer, as câmaras na altura não usavam, nem tinha, não tinha mesmo câmaras ou diziam que não tinham porque eles têm imenso pudor em aparecer, é impressionante eles não querem aparecer nas câmaras”

“Mas não houve propriamente problemas de comportamento de transgressão, não houve, houve de não fazer as coisas.”

E7: “Eu não, não noto que estão piores. As questões pontuais de indisciplina, eu, sinceramente, não tenho assim, muito”

“(…) os alunos se ausentarem, não sei se isto é indisciplina ou se realmente o constrangimento deste ensino online, não sei. É possível que sejam constrangimentos, acredito que sim. Agora, já soube de colegas, uma colega minhas ia dar teste, uma aluna entrou e logo a seguir, a chamada caiu. Será que será caiu a chamada ou a aluna percebeu que era teste e desligou, não sei, isto, se realmente se vier a comprovar que foi de propósito é indisciplina.”

Dimensão de Análise 3: Disciplina vs Indisciplina

Nesta dimensão os discursos dos docentes é consensual: não há indisciplina visível.

Questão 1. Comportamento de disciplina vs Indisciplina dos alunos em período pandémico E1: “É melhor”

E2: “Eu, ou não sei, ou tenho muito bons alunos, ou sou muito sortuda”

E3: “Eu felizmente, tenho uma boa relação com os meus alunos e não tenho problemas disciplinares na sala de aula”

E4: “Passaram a ser zero, não houve problemas”

E5: “Desapareceu”

E6: “Portanto não quer dizer que o comportamento não seja melhor, quer dizer que não temos é uma capacidade de perceber o que eles estão a fazer”

E7: “os alunos se ausentarem, não sei se isto é indisciplina ou se realmente o constrangimento deste ensino online”

Síntese reflexiva

Esta dimensão visa a compreensão e a análise do impacto das condicionantes pandémicas nos comportamentos dos alunos.

A entrevistada E1, refere que o comportamento é muito melhor, ou seja, viu mudanças significativas no comportamento dos alunos do ensino presencial para o online, apesar de saber que tinha alunos que por vezes, se ausentavam e deixavam simplesmente os computadores ligados, não estando presentes.

Tanto a entrevistada E2, como o entrevistado E3, relatam que não tiveram qualquer problema de indisciplina, apesar de não poderem afirmar com a firme certeza que o facto de chamarem por um aluno e este não responder, não saberem se estava presente, se é ou não considerado um ato de indisciplina.

Também a entrevistada E5, refere que a indisciplina desapareceu, mas, contudo, não pode afirmar que os seus alunos apenas ligavam as aulas e continuavam ou não, a assistir às mesmas. Não sabia, se poderia ou não considerar um ato de indisciplina, uma vez que a indisciplina que era visível na escola deixou de o ser.

A entrevistada E6, salienta que o comportamento podia não ser o melhor, contudo, não tinham essa percepção por estarem por detrás de um computador e as câmaras de alguns alunos se encontrarem desligadas, apenas referiu que alguns alunos não cumpriam as tarefas propostas.

Mais uma vez, a entrevistada E7, referiu que os alunos se ausentarem do computador, se poderia ser considerado uma questão de indisciplina ou simplesmente um constrangimento do ensino online, não tendo como provar se é ou não indisciplina.

Assim, nesta dimensão, é importante frisar que os entrevistados relatam que os comportamentos indisciplinados e expostos nos direitos e deveres dos alunos, referidos no capítulo III, se efetivamente existem ou não, não sabendo se podem considerar a ausência das câmaras ligadas como um comportamento de indisciplina ou simplesmente um constrangimento. Como referido anteriormente, a definição de indisciplina viu-se alterada com o regime de ensino online.

Dimensão de Análise 4: Ensino online

Questão 1. Vantagens e desvantagens comparativamente ao ensino presencial;

E1: “Desvantagem esgota mentalmente dos professores, os alunos não sei porque esses, parece que estão numa boa pensão que estão de férias alguns.

(...) trabalho é muito mais acrescido. O que é bom só o comportamento.”

E2: “A vantagem (...) porque o online para mim não substitui de forma alguma o presencial”

“não tenho problema nenhum, veio acrescentar uma forma de comunicação.”

“eu rentabilizo muito mais à distância porque as pessoas tem tendência a respeitarem-se mais porque não estão perto umas das outras e não dispersam.”

E3: “As vantagens são que alguns alunos que se revelam e que desenvolvem algumas competências, ou melhor, não é que as desenvolvam, têm oportunidade de as demonstrar.

“Por outro lado, eu acho que o ensino à distância os obriga e também nos obriga a nós a fazer caminhos novos, a utilizar novas tecnologias, a trabalhar de forma diferente e de certeza que isto vai ser uma mais-valia para eles no futuro.”

“O mau é que nós andamos a correr, a qualidade da aprendizagem eu acho que é claramente condicionada por muito que nos queiramos usar estratégias diferentes”

E4: “É preferível o ensino presencial por tudo (...), mas notou-se uma redução drástica, no mandar para a rua, nos comportamentos dos alunos. “

E5: “Não há vantagens, não considero que haja vantagens. (...) eles são jovens e são adolescentes e temos também que ter esse cuidado de educar, não é só ensinar, e dar um bocadinho o nosso testemunho e sermos um bocadinho exemplo para eles, online não é a mesma coisa”

“eu só consigo apontar as desvantagens, desvantagens na empatia que tenho, a empatia existe, mas é o contato próximo com os meus alunos desvantagens no processo de avaliação, imensas, porque passa a não ser justo, passa por mais, que eu faça triangulação de dados e ande aqui quase, mas não é justo e depois o ensino aqui requer muita autonomia e eu questiono até que ponto os nossos alunos têm autonomia”

E6: “Eu acho que a grande vantagem é desenvolver a autonomia e a capacidade do trabalho e de investigação individual dos alunos, não quer dizer que isso não possa ser feito escola”

“A vantagem para mim é essa, a desvantagem é a falta de proximidade física.”

E7: “A vantagem pra mim é o trabalho da autonomia, é a responsabilização sobre trabalho autónomo. Depois o eles terem que trabalhar sem o professor estar ali, acho que trabalha a responsabilização e autonomia mais na minha perspetiva do que no ensino presencial que ao toque todos para aquela sala, o professor tá lá todos para aquela sala pessoa tá lá, o professor diz que é pra fazer, aqui não, eles têm que buscar a informação, ora bem deixa-me ir às publicações de educação física, aula de educação física, está lá, deixa-me ver com

carregar neste link, ora, bem, no fim disto o que é que eu tenho que fazer, trabalha muito mais autonomia na minha perspectiva. “

“este ter o espírito crítico que eles acabam por desenvolver altar a trabalhar sozinhos é extremamente importante, mas o ritmo de trabalho é inferior, o ritmo de trabalho é muito inferior.”

Questão 2. Principais dificuldades encontradas: domínio das novas tecnologias, facilidade/adaptação ao novo formato.

E1: “...procurei, procurei informação para tentar resolver os meus problemas e como ia, como é que ia avaliar os alunos e acho que tenho me desenrascado.”

E2: “Fui fazendo, ao mesmo tempo, andei a fazer 2 formações”

“(...) segunda aprendi também a trabalhar com a *classroom*, aprendi, o *padlet*, entre outras com nomes esquisitos. Entretanto, fiz uma coisa que gostei muito que era gravar a minha própria aula durante 10 a 15 minutos e colocá-la no documento para mandar para os alunos e consegui fazer isso.”

E3: “Eu felizmente consigo lidar relativamente bem com as novas tecnologias, tive que fazer algumas aprendizagens e algumas adaptações, mas acho que me consegui adaptar.”

“(...) é as dificuldades que alguns alunos sentiam para cumprir tarefas ou para aceder às plataformas.

“dificuldade que alguns alunos tinham no acesso às ferramentas e eu acho que depois se reflete na qualidade aprendizagens dos miúdos, alguns miúdos claramente com mais dificuldades.”

E4: “Dificuldades tecnológicas não porque só se for da parte deles porque muitas vezes, eles têm a mania que dominam estas coisas e é zero (...) mas muitas vezes para colocar um simples trabalho na plataforma ou em várias plataformas não sabem, é preciso exemplificar e no presencial eu sentia isso, “hoje, eu quero que façam um trabalho no formato “*padlet*”,

“o que é isso professora?”, e a gente explicava uma, duas, três vezes só depois é que eles começam a dominar”

E5: “sou formadora de professores nessa área, na área tecnológica.”

“Dou muita formação e muitos “*webinars*” e muitos “ACDS”, ligados a explicar aos professores como é que podem explicar, a aplicar a tecnologia no ensino.”

“o meu maior problema eu já lhe disse era os meus alunos, conseguirem ter equipamentos de forma igual para todos porque infelizmente nem todas as famílias têm isso sim era o meu problema, era as ligações de internet, era os computadores era alguns alunos estarem a assistir às aulas no telefone mas nem sempre a ligação ser estável, não conseguir chegar a todos os meus alunos mesmo com a gravação de vídeos, mesmo a criar, continuar a criar aquela empatia com os alunos que à distância não é a mesma coisa, apesar de que eles já me conhecem e já sabem essas coisas todas, preocupava-me nessa altura não os ver, mas em maio estamos a falar em que nenhum aluno tinha câmara ,nenhum, e eu sempre dei aulas às escuras que eu costumo dizer foram ali 3 meses que eu não via o rosto deles e estar a falar para o monitor é das coisas mais desagradáveis que senti até hoje porque basta estar a explicar a mim fazer assim(sinal) não precisa de me perguntar mas faz-me assim com a cara e eu já sei que eu tenho uma dúvida e foram 3 meses às escuras, completamente às escuras, sem saber se eles estavam a perceber mas claro que nós tínhamos o chat, claro que eles tinham a voz, mas não é a mesma coisa a maior parte dos alunos não comunica, ou tem vergonha, ou não querem interromper, aquele apoio individualizado personalizado, isso deixa muito muito muito a desejar, foi um apagão durante três meses não os ver.”

E6: “foi a questão da autonomia”

“Eu não tenho, não tenho facilidade, eu gosto do olhar do sentir e do ouvir. Não, não gosto. É outra coisa é um trabalho, não tem nada a haver. Aquela parte Humana, não existe.”

E7: “para a nossa disciplina, não é fácil a adaptação ao online porque é muito restrita à forma podemos trabalhar”

“Eu senti dificuldade nesta adaptação no meio porque é a nossa é totalmente prática e passou agora a ser prática à distância”

“o constrangimento era o facto de a maior parte não ligar à câmara não houve incentivo, foi tudo muito em cima do joelho, a maior parte dos alunos não tinha as condições materiais ou pelo menos diziam que não tinham em termos de câmaras, e, portanto, para nós dificultava-nos imenso é uma disciplina prática”

“é um constrangimento estas novas tecnologias, embora facilitem muito, os alunos investigam, eles procuram informação e as plataformas nós temos, nós professores também temos vindo a atualizar muito, eu não me considero no século passado”

Questão 3. Intensificação do trabalho, sobrecarga, ansiedade e stress.

E1: “Tenho isso tudo, já nem durmo também. Sinto-me mesmo muito cansada. Já ando mais triste, mais em baixo, sinto que já não sou a mesma desde que começou isto.”

E2: “Eu esforcei-me mais do que se tivesse aulas presenciais porque era meia-noite e eu ainda estava a contabilizar se somei ou não no inovar.”

E3: “Sim, bastante, (...) portanto era muito complicado de gerir.”

“agora com meia jornada continua a ser extremamente complicado fazer a gestão de tempo e extremamente stressante porque temos de fazer as tarefas de criar as tarefas aplicar as tarefas, monitorizar o cumprimento, dar feedback e isso, apesar de só ter um nível de escolaridade, tenho 3 turma de nono ano, continua a ser muito desgastante, muito desgastante mesmo, estou muito ansioso que abram as creches e as escolas”

E4: “Para ambos, houve intensificação do trabalho, sem dúvida”

“houve uma ansiedade sobretudo no “será que vai funcionar, será que não vai abaixo”

E5: “Trabalha muito mais, mas porque dá mais trabalho, efetivamente preparar aulas online, dá mais trabalho preparar, dá mais trabalho monitorizar o trabalho dos alunos, dar feedback aos alunos, corrigir os trabalhos dos alunos, isto é, nunca mais acaba.”

“Stress e ansiedade, teve que haver uma gestão, (...) uma gestão grande entre a gestão familiar, a gestão da casa”

“mas é muito trabalho, em termos de stress, ansiedade eu estou a tentar ter aqui uma balança, mas em termos de trabalho é infinito, apesar de, continuo a dizer que por exemplo “*milage*” é algo que me facilita muito o trabalho enquanto professora e o teste portal que agora saiu é fantástico, ou seja aquilo fica tudo corrigido, fica tudo, se nós usarmos a tecnologia a nosso favor para fazer coisas que nós já não temos que fazer a mão, já é bom mas depois existe tudo o resto e o trabalho é 10 vezes mais a 1000 vezes mais, é assim uma coisa. “

E6: “cansam um bocado a questão do estar sentado muito tempo é mesmo a questão física porque nós estamos horas sentados e eu não dou aulas sentada como quase ninguém, penso eu e isso do ponto de vista físico é horrível”

“Excesso de trabalho é um bocado”

E7: “É assim, eu não vou dizer que trabalho mais, eu trabalho muito diferente do que estou habituada, e isso causa-me muito desgaste, causa muito stress”

“isto é constantemente, isto realmente causa-nos stress, causa-nos agitação, deixa-me só responder a este aluno, deixa-me só mandar esta mensagem é muito importante que o aluno não está a conseguir fazer isto, mas de facto nós disponibilizamo-nos a ajudar, é uma altura em que temos todos que nos ajudaram imenso e disponibilizarmos que o aluno esta a ter alguma dificuldade, deixa-me ver o que se passa para ver se consigo já rapidamente tirar esta dúvida para que ele continue seu trabalho e nesse sentido, de facto de já não haver horários, isto é um desgaste muitíssimo grande eu não trabalho tanto de forma síncrona, eu não estou tanto tempo com os meus alunos assim a dar aula, mas a corrigir, a esclarecer dúvidas, a enviar e-mails aos pais, a mandar mensagens para eles, não se esqueçam disto, a fazer a planificação, porque a minha planificação era completamente diferente, é isso mesmo.”

“Mas de facto está-me a criar muita ansiedade, muito stress, muito cansaço, porque é completamente fora do que estou habituada e não há horários e também é fora do que eu gosto, é muito fora do que eu gosto porque eu gosto, na minha disciplina realmente acho que é o auge da diferença porque eu gosto da presença, gosto do toque, gosto de contacto, gosto do convívio, gosto da dinâmica de grupo e gosto da partilha, gosto de certas coisas que se trabalham quando estamos em presencial e trabalhar em grupo e que agora não vejo nada disso, não sinto nada disso.”

Dimensão de Análise 4: Ensino online

No que concerne ao ensino online, a maioria dos docentes retrata que não há vantagens neste ensino, que houve um aumento significativo do trabalho e que tiveram dificuldades de adaptação ao formato.

Questão 1. Vantagens e desvantagens comparativamente ao ensino presencial;

E1: “Desvantagem esgota mentalmente dos professores”: “trabalho é muito mais acrescido. O que é bom só o comportamento.”

E2:” eu rentabilizo muito mais à distância”

E3: “As vantagens são que alguns alunos que se revelam e que desenvolvem algumas competências”; “a qualidade da aprendizagem eu acho que é claramente condicionada por muito que nos queiramos usar estratégias diferentes”

E4: “É preferível o ensino presencial por tudo (...), mas notou-se uma redução drástica, no mandar para a rua, nos comportamentos dos alunos.”

E5: “Não há vantagens, não considero que haja vantagens.”:” empatia existe, mas é o contato próximo com os meus alunos desvantagens no processo de avaliação, imensas”

E6:” grande vantagem é desenvolver a autonomia”

E7:” “A vantagem pra mim é o trabalho da autonomia”

Questão 2. Principais dificuldades encontradas: domínio das novas tecnologias, facilidade/adaptação ao novo formato.

E1: “procurei, procurei informação para tentar resolver os meus problemas”

E2: “Fui fazendo, ao mesmo tempo, andei a fazer 2 formações”

E3: “Eu felizmente consigo lidar relativamente bem com as novas tecnologias”: “dificuldades que alguns alunos sentiam para cumprir tarefas”

E4: “Dificuldades tecnológicas não porque só se for da parte deles porque muitas vezes, eles têm a mania que dominam estas coisas e é zero”

E5: “o meu maior problema eu já lhe disse era os meus alunos, conseguirem ter equipamentos de forma igual para todos”

E6: “Eu não tenho, não tenho facilidade (...) Aquela parte Humana, não existe”

E7: “para a nossa disciplina, não é fácil a adaptação ao online”

Questão 3. Intensificação do trabalho, sobrecarga, ansiedade e stress.

E1: “Sinto-me mesmo muito cansada”

E2:” Eu esforcei-me mais do que se tivesse aulas presenciais”

E3: “Sim, bastante, (...) portanto era muito complicado de gerir.”

E4: “Para ambos, houve intensificação do trabalho, sem dúvida”

E5: “Trabalha muito mais, mas porque dá mais trabalho”; ““Stress e ansiedade, teve que haver uma gestão”: “mas é muito trabalho, em termos de stress, ansiedade”

E6: ““Excesso de trabalho é um bocado”

E7: “isto é constantemente, isto realmente causa-nos stress, causa-nos agitação”; “desgaste muitíssimo grande”; “criar muita ansiedade, muito stress, muito cansaço”

Síntese reflexiva

Para finalizar o contexto do ensino online, esta dimensão faz referência às vantagens e desvantagens do ensino online comparativamente ao ensino presencial, às principais dificuldades e ao domínio das novas tecnologias e à intensificação do trabalho, sobrecarga e ansiedade.

A entrevistada E1, refere como desvantagens o desgaste mental dos professores e o trabalho acrescido que este ensino trouxe, referindo que a única vantagem que aponta é a mudança de comportamento.

Ao contrário da entrevistada E1, a entrevistada E2 refere que o ensino online rentabiliza muito em comparação ao presencial.

O entrevistado E3 menciona que a vantagem é simplesmente o facto de alguns alunos desenvolverem competências e conseguirem demonstrá-las e como desvantagem a qualidade das aprendizagens que, na sua visão, foram condicionadas.

Tanto a entrevistada E4 como a entrevistada E5, só conseguem apontar desvantagens, contudo a entrevistada E4 salienta que a única vantagem é o facto de o comportamento dos alunos ter melhorado e não ter que expulsar ninguém. A entrevistada E5 realça que apesar de existir empatia com os alunos, não há proximidade e questiona-se até que ponto os alunos tem autonomia para este ensino. Por outro lado a entrevistada E6 e E7, mencionam que a vantagem deste ensino é o facto de os alunos desenvolverem autonomia.

Nas principais dificuldades encontradas no acesso às novas tecnologias a entrevistada E1, E2 e E6, relatam que sentiram dificuldades no domínio das novas tecnologias procurando informações para combater estas dificuldades, a entrevistada E6 salienta que “a parte humana não existe”.

Tanto o entrevistado E3, E4 e E5 relataram que não sentiram dificuldades no acesso às novas tecnologias, contudo referem que quem sentia mais dificuldades eram os alunos.

No que concerne ao fator intensificação do trabalho é notório e importante destacar que todos os entrevistados relatam uma intensificação do trabalho, o cansaço, o stress e a ansiedade a que estavam sujeitos no ensino online, reforçando a ideia de que os alunos também sentiam esse stress, ansiedade e sobrecarga.

Em suma, um aspeto interessante nesta dimensão, foi o facto de apenas duas entrevistadas terem relatado que o ensino online trouxe maior autonomia aos alunos, enquanto os restantes entrevistados sentiram que os seus alunos não o conseguiram fazer. Contudo, é visível que a preferência é pelo ensino presencial, e importante observar a experiência destes docentes e o que tem em comum nos seus relatos.

4.2.2. Ensino presencial de setembro de 2020 a janeiro 2021.

Dimensão de Análise 1. Pedagogia

Questão 1. Preparação de aulas, mudança do ensino online para ensino presencial.

E1: Eu tinha testes marcados e na semana que eles iam fazer a escola fechou.

“(...) mandei-lhes fazer a experiência em casa e mesmo assim eles não fizeram.”

“(...) muitas fichas para fazer, de verdadeiro e falso, escolha múltipla, de cálculo”

E2: “foi uma adaptação natural para mim. Há um detalhe que foi o stress, e toda, não é stress só, é obsessão. Precisavam de obsessão para que todos os assistentes operacionais limpassem todas as salas, todas as mesas, os computadores todos, os apagadores todos e depois os alunos só podiam entrar naquele momento.”

“Foi horrível, horrível, horrível, horríveis janelas abertas e portas abertas e um gelo”

“Isto foi horrível, horrível, horrível, horrível a direção geral de saúde mandar estas regras para as escolas estas Crianças, jovens de kispos, de mantas, de cachecol, de luvas, isto não tem explicação, isto é, como estar em guerra, ainda por cima terem que estar sentadas. “

E4: “O único problema é que foi no início para nós não se esquecermos das regras de, entra na sala desinfetar as mãos, não se aproximar dos alunos, não tocar nos livros dos alunos, não tocar nos objetos os alunos, mandar para quadro e não esquecer de desinfetar as canetas foi basicamente isso, afastou-nos mais um bocado, afastou sem dúvida.”

E5: “eu continuei com a mesma estratégia, ou seja, eu tenho e porquê? eu pensei assim eu vou ter alunos que vão estar em isolamento profilático, eu vou ter alunos que se calhar, pronto e então a estratégia do “one note”, o tal caderno digital, das aulas digitais”

“aconteceu que tive alunos em isolamento profilático mas quando regressaram tinham as aulas passadas e claro que depois tiveram o apoio que tiveram que ter para esclarecer as suas dúvidas e essas coisas todas”

E6: “Isso é uma violência a máscara, uma violência completa. Uma coisa é a pessoa estar de máscara sentada numa cadeira, outra coisa é estar de máscara a falar e a andar de um lado para o outro é uma completa violência física, um horror. Uma dor de cabeça, isso sim, aquilo sim, foi uma coisa extremamente violenta para mim, há pessoas que se habituaram eu tive muita dificuldade em sobreviver a isso.”

“(…) quando se trata de escrever é difícil. É quase impossível uma pessoa não se poder aproximar.

E7: “Pronto, nós tivemos que nós reunimos, nós e havia uma série de atividades que não pudemos fazer”

Questão 2. Estratégias pedagógicas utilizadas.

E1: “mudou-se para outro sistema e será a professora a fazer as experiências e os alunos observam, por causa de materiais, manipulação de materiais e limpeza, portanto, será numa outra vertente, não eles a fazerem, mas o professor a fazer para a turma.”

E2: “Ora bem é estratégias, lá está, portanto já usei, usei exatamente as mesmas estratégias que usava antes.”

“(…) uns pequenos excertos de documentários da RTP 2 porque tem muito a ver com o processo de áreas sociais, das ciências sociais.”

“(…) há nuances que eu fui aprendendo no ensino à distância, ou seja, tornei-me mais dinâmica, um bocadinho mais dinâmica, mais solta, mais versátil, a ter outro olhar.”

E3: “Aproveitei o facto de nós usarmos o “teams” durante o ensino à distância no ano passado para manter a utilização do “teams”, por um lado porque achava que era uma ferramenta interessante e útil e por outro lado para garantir que na eventualidade de, voltarmos ao ensino à distância as coisas já estavam a rolar. E, portanto, criamos as

“teams” logo no início do ano letivo, partilhei com os alunos material nas teams, fui fazendo alguns *forms* para eles se preparem para os testes, fui-lhes dando tarefas da escola virtual, um pouco aquilo que fazia no ano letivo passado e que faço atualmente. Os trabalhos que eles tinham que fazer no 1º período, eu coloquei no *teams* as orientações, não lhes entreguei em papel, coloquei no teams, coloquei lá inclusive as rúbricas da avaliação para eles poderem consultar, portanto essas ferramentas mantiveram-se, e é essa a diferença em relação ao presencial antes da pandemia, penso que há essa mudança. Em sala de aula acabamos por ficar condicionados em relação à forma de trabalhar”

E5: ““tivemos de consolidar as aprendizagens que tínhamos feito no ensino a distância (...) porque à distância não consigo ensinar determinadas matérias”

“Depois continuar a dar o conteúdo e o programa, mas ter atenção, lá está, à diferenciação pedagógica”

“Eu uso muito o apoio personalizado e tento que eles venham ter comigo mesmo fora das aulas, efetivamente eles fazem essa procura, portanto captação de aulas, diferenciação pedagógica e continuo a usar, lá está, como eu continuo a usar, repara, eu uso o telemóvel na sala de aula, portanto os alunos sabem que tem que trazer o telemóvel, há aqui coisas que eu tanto uso de um lado, como uso do outro, eles já estão habituados a essas plataformas e essa estratégia digamos assim de dar a aula”

Questão 3. Avaliação das aprendizagens

E2: “Nós tivemos a reformulação dos nossos critérios de acordo com um programa.”

“tendo em conta, uma avaliação formativa mais centrada, avaliação formativa com feedbacks e não só quantitativa, temos isso tudo remodelação e, portanto, cumprimos o que esta na legislação”

E3: “Muito condicionada pela implementação do projeto”

E4: “voltou-se tudo ao mesmo, voltou-se aos testes”

E5: “fazer avaliações mais pequenas de menos conteúdos para conseguir diagnosticar efetivamente onde estava a dificuldade deles, (...), e eu senti necessidade de ver exatamente, porque é assim, eu depois de fazer um teste eu faço uma análise teste, eu sei efetivamente quais são as perguntas que eles falharam, mas depois pode haver vários motivos foi porque foi muita matéria eu tive necessidade de fazer avaliações mais pequeninas e trabalhos no sentido de perceber exatamente onde é que eles estavam a falhar e onde é que eles estavam a sentir dificuldades”

“avaliações mais a miúdo e de temas muito específicos e depois isto em relação à testagem, depois comecei claro a fazer na mesma análise conteúdo e ver o que é que eles conseguiam fazer trabalho, trabalhos de pesquisa, trabalhos de projeto”

E6: “Eu não me preocupo muito com isso”

“apelo ao bom senso e à dignidade, isso sim, eu digo-lhe copiar podem copiar, mas com dignidade”

E7: “as aprendizagens sofreram algumas alterações. Se eu avalio muito jogo, deixei de avaliar e eu avaliava muita pontualidade, deixei de avaliar tanto porque é os alunos estavam divididos em grupos para ir para o balneário e portanto, eu tinha três, por exemplo, numa turma tinha três grupos para entrar há vez no balneário, então entrava um grupo de cinco, vinham esses, eu tinha que esperar pelos seguintes. Eu já não conseguia aferir a pontualidade, então houve aqui algumas, algumas modificações.”

Dimensão de Análise 1. Pedagogia

Apesar de se referir a aulas presenciais, o constrangimento das máscaras era muito complicado de lecionar. O cumprimento das regras de segurança era de difícil gestão.

Questão 1. Preparação de aulas, mudança do ensino online para ensino presencial.

E1: “muitas fichas para fazer, de verdadeiro e falso, escolha múltipla, de cálculo”

E2: “Foi horrível, horrível, horrível, horríveis janelas abertas e portas abertas e um gelo”

“Isto foi horrível, horrível, horrível, horrível a direção geral de saúde mandar estas regras para as escolas estas Crianças”

E4: “O único problema é que foi no início para nós não se esquecermos das regras”

E5: “eu continuei com a mesma estratégia”

E6: “Isso é uma violência a máscara, uma violência completa”

E7: “Pronto, nós tivemos que nós reunimos, nós e havia uma série de atividades que não pudemos fazer”

Questão 2. Estratégias pedagógicas utilizadas.

E1: “mudou-se para outro sistema e será a professora a fazer as experiências e os alunos observam”

E2: “as mesmas estratégias que usava antes.”

E3: “Aproveitei o facto de nós usarmos o “teams” durante o ensino à distância no ano passado para manter a utilização do “teams”

E5: ““tivemos de consolidar as aprendizagens que tínhamos feito no ensino a distância”

Questão 3. Avaliação das aprendizagens

E2: “uma avaliação formativa mais centrada, avaliação formativa com feedbacks e não só quantitativa, temos isso tudo remodelação e, portanto, cumprimos o que esta na legislação

E3: “Muito condicionada pela implementação do projeto”

E4: “voltou-se tudo ao mesmo, voltou-se aos testes”

E5: ““fazer avaliações mais pequenas de menos conteúdos para conseguir diagnosticar efetivamente onde estava a dificuldade deles”

E6: “apelo ao bom senso e à dignidade, isso sim, eu digo-lhe copiar podem copiar, mas com dignidade”

E7: “as aprendizagens sofreram algumas alterações”

Síntese reflexiva

Esta dimensão tem como objetivo compreender a adaptação dos professores ao regime presencial, em período pandémico. Esta dimensão faz referência à preparação das aulas, às estratégias pedagógicas utilizadas e à avaliação das aprendizagens.

A entrevistada E2, refere que o stress e obsessão para as limpezas das salas por parte de alguns docentes, reforça a ideia de que era horrível manter as janelas e portas abertas.

A entrevistada E4 menciona também que o constrangimento maior que sentiu foi a pressão para não se esquecer das regras implementadas, como o uso da máscara, a utilização do desinfetante e o facto de os alunos não poderem ir ao quadro, referindo que isso afastou os alunos dos professores.

A entrevistada E6 salienta e utiliza a palavra “violência”, para a utilização da máscara na sala de aula.

As estratégias pedagógicas também sofreram alterações, ou seja, não era um ensino presencial dito normal, sendo que a E1 refere que as experiências deveriam ser feitas pelos alunos e não pelos docentes.

Os entrevistados E2 e E3, referem que mantiveram as mesmas estratégias, inclusive a utilização das plataformas digitais.

No que concerne à avaliação das aprendizagens é importante salientar que alguns entrevistados tiveram o cuidado de realizar avaliações mais pequenas, de modo que fosse mais fácil analisar as dificuldades dos alunos (E5) e a entrevistada E4, disse ter mantido tudo igual.

Nesta dimensão, é importante referir que apesar de ter voltado o ensino presencial, este sofreu alterações, ao nível da avaliação das aprendizagens e que o uso de máscara condicionou o modo como eram lecionadas as aulas.

Dimensão de Análise 2. Relações interpessoais Questão 1. Reação/adaptação dos alunos.

E1: “Acho que eles gostam mais das aulas presenciais.”

“É necessário também a parte da afetividade é difícil a gente agora nem lhe poder por a mão”

“. Agora só podemos dizer de longe e com a máscara, portanto é tudo muito, muito impessoal.”

“(…) costuma-se dizer que o homem é um ser social e como tal aqui no computador, não há sociabilidade nenhuma.”

E2: “A reação deles lá está, a reação deles é sempre muito focada naquelas exigências de cumprimento das regras na escola, porque muitos deles queriam transgredir essa regra.”

E3: “Eu acho que os alunos se portaram muito bem, se adaptaram muito bem às circunstâncias, ou melhor, adaptaram-se muito bem ao cumprimento das regras, mas nota-se que eles estavam

satisfeitos, a maior parte, por voltar à escola e ao ensino presencial, mas acho que se nota falta de alguma comunicação que a máscara dificultava”

“Acho que se ressentiram na parte da ligação afetiva.”

E4:” resmungavam muito com as máscaras, resmungavam muito sobretudo porque não tinham quase tempo de lanchar foi só isso mais nada. E depois eu como viram que o tempo era pouco, que os intervalos eram poucos estavam desfasados, tinham pouco tempo para ir à casa de banho, para comer e pronto foi só basicamente isso que resmungaram, agora das aulas, nada, voltou tudo ao mesmo, só tinham a máscara. “

E5: “Eles queriam muito voltar para as aulas, eles queriam muito, isso foi notório, tinham saudades mesmo, assim como têm agora.”

“Depois cada um sabe da sua vida e das vidas pessoais destes alunos, mas eles estavam a precisar de nós e foi preciso se calhar o apoio de muita, houve ali uma certa apoio e compreensão da parte da

psicologia”

“comportamentos de ansiedade”

E6: “Eles gostaram muito de regressar ao ensino presencial”

“Eu compreendo-os completamente nem comer podem, coitadinhos, no intervalo, mas eu acho que é mesmo o contacto físico, a proximidade física, o contacto do corpo, (...), eu acho que aquilo é uma violência sobre aqueles jovens, é claramente uma violência”

“a brincadeira física, as amiguinhas de bracinho dado, acho que isso foi de uma violência extrema para aqueles jovens e que ninguém se preocupou muito com eles”

E7: “Os miúdos são impecáveis, e têm uma capacidade muito grande de adaptação”

Questão 2. Relações interpessoais.

E1: “Acho que é mau, falta essa parte dos sentimentos, da afetividade”

E2: “Não existem. (...) nós não nos podemos aproximar uns dos outros, temos muitos bons computadores na sala de trabalho, mas cada um estava a trabalhar por si. As pessoas um bocadinho deprimidas”

E3: “Muito afetadas, (...) porque não conseguimos ver expressões com tanta facilidade, se eles estão a sorrir se não, se eles estão tristes e acho que isso afeta apesar de, tentarmos transmitir boa disposição, ou, sei lá, na semana passada um aluno disse um disparate numa aula, tentou dar uma resposta corretamente, mas não saiu a palavra certa e rimos todos, conseguimos ver-nos a rir e isso acontecia em sala de aula e a gente perdia aí uma parte da expressividade e isso é significativo.”

E4: “As relações interpessoais é que nós não conseguimos, ou melhor, começamos a ter, não podemos tocar neles, chegar perto para ver o que estavam a fazer, às vezes esquecíamos e pegávamos, a fazer as avaliações, qualquer coisa, não, está aqui no

caderno e pegava, tínhamos a tendência a pegar no material deles e retraíamo-nos, foi mais nesse sentido”

E5: “Eu tenho uma relação, pelo menos eu tendo de ter uma relação muito, muito, muito próxima com os meus alunos, (...) que eles vinham ter comigo que nem sempre era para falar de matemática, era às vezes para falar o que se estava a passar lá em casa, eles queriam falar, tinham uma necessidade

enorme de falar, alguns ficavam depois de toque para falar, (...) “senti que foi o ano que eles mais

procuravam para falar, simplesmente para falar e isso é o que lhes custou mais nesse isolamento foi se calhar eles estarem fechados”

“Em relação a eles a mesma coisa, tanto que eles ao início cometeram muitas coisas que não podiam, eu apanhei-os cá fora abraçados, nas mesas sem máscara, aquilo, aquelas primeiras duas semanas o que nós lhes tivemos que dar na cabeça que não podiam fazer determinadas coisas porque eles sentiam tanta falta, de tanta coisa, que acabavam por se esquecer que não podiam, “vocês não podem andar aqui aos abraços””

E6: “Com a máscara é mau porque a comunicação está afetada.”

“, a empatia exige o corpo todo, a comunicação, eu acho isso e acho que o bater nas costas, uma pancadinha nas costas, uma brincadeira qualquer, esse lado, eu estou lá de corpo inteiro, eu estou lá sem medo e acho que o estar sem medo implica o estar com o corpo relaxada, eles estão e essa minha presença humana, sou eu toda, se tiver uma máscara a tapar o nariz, a boca, se eu não consigo respirar, se me dói a cabeça porque realmente é uma violência é logico que não estou nas melhores condições para me relacionar e ter a melhor empatia com o outro.”

E7: “isso foi mesmo o que mais sofreu”

“deixou de ser possível esta proximidade deles nos tocarem, nós tocarmos deixou de ser possível e em relação também ficou afetada porque a aula ficou menos divertida, com menos dinâmica e com menos motivante e eu sinto, portanto, assim que as relações aí também ficaram afetadas e o medo que nós constantemente sentimos de, por exemplo, hoje ter um aluno para a semana, na aula seguinte, já não vou ter, porque estava com covid positivo e o medo de nós estarmos a ter também porque um estava com tosse, tudo

isto, tudo quer, quer a modificação das aulas, que o medo do que vêm, quer esta instabilidade, quer o “afastem-se, não se aproximem”” “Acho que as relações ficaram bastante afetados. “

Dimensão 2. Relações interpessoais

No que concerne os relatos dos docentes mostram preocupação com os alunos e mesmo estando em regime presencial, com as regras imposta na sala de aula, a comunicação foi bastante afetada pela utilização das máscaras.

Questão 1. Reação/adaptação dos alunos.

E1: “a parte da afetividade é difícil a gente agora nem lhe poder por a mão”; “de longe e com a máscara, portanto é tudo muito, muito impessoal.”

E2: “naquelas exigências de cumprimento das regras na escola”

E3: “se adaptaram muito bem às circunstâncias, ou melhor, adaptaram-se muito bem ao cumprimento das regras”

E4: “resmungavam muito com as máscaras”

E5: “Eles queriam muito voltar para as aulas, eles queriam muito, isso foi notório, tinham saudades mesmo, assim como têm agora.”

E6: “eu acho que aquilo é uma violência sobre aqueles jovens, é claramente uma violência”

E7: “Os miúdos são impecáveis, e têm uma capacidade muito grande de adaptação”

Questão 2. Relações interpessoais.

E1: “falta essa parte dos sentimentos, da afetividade”

E2: ““Não existem.”

E3: “Muito afetadas”

E4: “As relações interpessoais é que nós não conseguimos”

E5: “eles queriam falar, tinham uma necessidade enorme de falar”

E6: “Com a máscara é mau porque a comunicação está afetada.”

E7: “isso foi mesmo o que mais sofreu”; “deixou de ser possível esta proximidade deles nos tocarmos, nós tocarmos deixou de ser possível e em relação também ficou afetada”; “Acho que as relações ficaram bastante afetados. “

Síntese reflexiva

Esta dimensão diz respeito às relações interpessoais, à reação/adaptação dos alunos a este novo formato presencial em tempos de pandemia e como estas relações foram afetadas durante este período.

No que concerne à reação/adaptação dos alunos a entrevistada E1 relata que a parte afetiva foi complicada pelo facto de não poderem tocar nos alunos, nas mãos dos mesmos, e que era tudo muito impessoal. A entrevistada E2 refere que os alunos reagiram de uma forma muito focada para o cumprimento das regras e eram exigentes nas mesmas.

O entrevistado E3 menciona que os alunos se adaptaram muito bem às circunstâncias a que estavam expostos e ao cumprimento das regras, também a E3 realça o facto de a ligação afetiva ser diferente.

A entrevistada E5 salienta que os alunos queriam muito voltar ao ensino presencial, pois sentiam saudades, e que precisavam muitos dos professores, refere ainda que os alunos mostravam comportamentos de ansiedade.

A entrevistada E6 frisa que a proibição do contacto físico era de uma extrema violência para os jovens, repetindo a palavra violência para falar deste aspeto da afetividade.

No que diz respeito às relações interpessoais, as entrevistadas E1 e E2 afirmar terem desaparecido falam as relações de afetividade e que essa parte estava em falta neste ensino presencial.

As entrevistadas E3 e E4 referem que as relações afetivas foram muito afetadas.

A entrevistada E5 salienta a necessidade que os seus alunos tiveram em procurá-la, simplesmente para falarem de assuntos que nada estavam relacionados com a disciplina lecionada, e que esta impossibilidade de poderem falar foi aquilo que mais lhes custou no isolamento que cumpriram.

Tanto a entrevistada E6 como a entrevistada E7 frisam que a relação de afetividade foi aquilo mais afetado e que o facto de utilizarem máscara dificultou a comunicação, e com as regras implementadas em contexto sala de aula deixou de existir proximidade.

Em suma, todos os entrevistados realçaram que as relações foram muito condicionadas, que deixou de existir proximidade com os alunos. Esta experiência reforça a ideia de que as interações na sala de aula foram afetadas e tiveram que se adaptar a este período pandémico.

Dimensão de Análise 3: Comportamento: indisciplina vs disciplina

Questão 1. Comportamento de disciplina vs Indisciplina dos alunos em período pandémico

E1: “Às vezes o comportamento também depende da sala de aula, como é que está distribuída.”

“Havia outra turma que estava bem, era um a um. Noutra turma, os alunos, tinham a tendência de se juntarem todos e eu estava sempre a dizer para se separarem. (...) andava sempre a implicar com eles”

E2: “A estatística mostra-nos, porque nós temos estatística mostra-nos que reduziu imenso”

“Não tenho problemas de indisciplina na minha sala.”

E3: “acho eu a sensação que podem comunicar com os colegas e depois dizer “professor eu não estava a falar” porque a máscara oculta”

E4: “Não sou uma professora que tenha os problemas com os alunos não tenho, não tenho e por isso essa parte da disciplina/indisciplina não vejo”

E5: “Talvez pela sorte que tenho, não tive, não tenho comportamentos de indisciplina dentro da minha sala de aula. Tive sim, alunos mais fragilizados alunos com comportamentos que eu percebi

claramente que nada tinha a ver com aula, mas sim com frustrações de casa”

E6: “Eu nunca tive assim muito problemas de indisciplina, normal.”

E7: “Tudo correu muito bem, como felizmente corre por norma, na nossa disciplina, exceto as máscaras, os alunos, (...), era a única coisa, mas isso não é propriamente indisciplina.”

Dimensão 3: Comportamento de indisciplina vs disciplina

Nesta dimensão é importante realçar o facto de não haver relatos de indisciplina por parte dos docentes.

Questão 1. Comportamento de disciplina vs Indisciplina dos alunos em período pandémico

E1: “depende da sala de aula, como é que está distribuída.”

E2: “Não tenho problemas de indisciplina na minha sala.”

E3: “a máscara oculta”

E4: “Não sou uma professora que tenha os problemas com os alunos não tenho, não tenho e por isso essa parte da disciplina/indisciplina não vejo”

E5: “não tenho comportamentos de indisciplina dentro da minha sala de aula

E6: “Eu nunca tive assim muito problemas de indisciplina, normal.”

E7: “Tudo correu muito bem, como felizmente corre por norma”

Síntese reflexiva

Esta dimensão pretende analisar os comportamentos de disciplina vs indisciplina em contexto presencial, e como estes mudaram ou não, assim como se esta definição destes conceitos foi sujeita a alterações em período pandémico.

A entrevistada E1, refere que os comportamentos variavam de acordo com a disposição das salas de aula.

Os restantes entrevistados (E2, E4, E5 e E6) salientam que não tiveram qualquer problema de indisciplina nas salas de aula.

A entrevistada E7 refere que não tem indisciplina, contudo não sabe se pode considerar a questão da máscara como um comportamento de indisciplina.

É de concluir que nesta dimensão os relatos foram quase todos iguais e que a questão de indisciplina na sala de aula não ocorreu.

Dimensão de Análise 4. Ensino presencial, em período pandémico.

Questão 1. Principais dificuldades encontradas: comunicação com os alunos e dificuldades colocadas por parte dos alunos.

E1: “(...) eles quase que não, aqui, quase que nunca põem perguntas (...) Sinto-os mais parados.”

E3: “principal dificuldade aqui tem haver com a comunicação que está muito condicionada pela presença das máscaras e pela necessidade do distanciamento, quer entre eles quer entre nós e eles, ir ao lugar para tirar uma dúvida começou a ser assim uma coisa um bocadinho estranha, agora já não posso ir ali apontar ao caderno “olha tens uma coisa mal”, ou posso, mas já vamos com algum receio, acho que houve essa condicionante.”

E5: “Dificuldades, dar aulas de máscara, terrível, terrível e terrível porque, eu falo muito, sou de matemática tenho que falar e depois havia aqueles condicionantes que é não te podes aproximar dos alunos. Não sei dar aulas assim, disse logo, fui clara, eu sou professora de matemática, eu não me

sento em momento algum eu estou sempre falar”

“nós ter que projetar a voz, um professor tem que saber colocar a voz, e tem que projetar a voz e a voz tem que chegar ao fundo da sala com máscara, então esforço e a colocação de voz e em termos de respiração eu sentia-me cansada, porque eu tinha aquela preocupação que todos devemos ter, projeção de voz, respiração e distanciamento”

“portanto, eu sei que arrisquei muitas vezes, eu tinha desinfetante, eu acho que desinfetei as mãos mil vezes durante o dia, mas eu ia ao caderno dos alunos, eu continuei a permitir a ida ao quadro dos alunos”

“eles sabiam que aquilo era tudo desinfetado a toda a hora, mas a minha dificuldade foi a respiração”

“Houve ali uma série, eu sentia-me abafada, sentia-me cansadíssima no final do dia mas eu sabia que tinha haver com respiração, ou seja, eu tinha pouco oxigênio para respirar dentro da máscara se ela

fosse segura, essa foi a minha maior dificuldade, depois os alunos também tinham máscara mas eles falam menos, foi eu sentir que não conhecia os meus alunos eu conhecia o olhar e o olhar diz o que diz, já é uma forma de comunicação, sentir que eles passassem por mim um dia na rua eu não saber quem eles são agora já sei, mas sentir que não os conhecia por inteiro e essa também foi uma das dificuldade.”

“já os professores, senti foi, perda de ritmo de trabalho deles naquele período, ou seja, de ensino a distância eles perderam os ritmos trabalham, eles perderam aquela coisa dos toques eu sentia neles

que eles estavam na escola parecia um bocadinho, perdidos outra vez, ritmo de trabalho”

E6:” Na comunicação que foi essa questão de não poder haver um trabalho concomitante”

“Aqueles alunos do 3º ciclo que não tiveram suporte familiar, regrediram, não é não aprenderam nada durante seis meses, é regrediram, andaram para trás, perderam a capacidade de concentração, (...) e isso houve perdas, eu acho que houve perdas em alunos, nós temos bastantes alunos com problemas cognitivos e sem suporte familiar”

E7: “A principal dificuldade era o eu usar máscara, porque realmente o rosto transmite uma série de informações que não só a voz e deixou de haver essa transmissão só mesmo

através do olhar. Depois é o tê-los muito afastados eu Gritava, eu não falava eu gritava, a comunicação não é tão fluida como quando eles estão à vontade e que podem circular perto de nós e vão para longe, depois a exemplificação é extremamente importante, a exemplificação na nossa disciplina é muito importante.”

“Realmente acho que houve dificuldade de comunicação, houve pelo uso da máscara, houve pelo medo eu tinha que eles se aproximassem e houve pelo facto de eu ter que os ter muito afastados.

Depois também em termos pessoais, houve uma grande dificuldade, porque esta comunicação, que muitas vezes estabelece o aluno estar perto de nós procurar um miminho ou ele dar um toque, dar assim um abracinho, deixou de haver esse contacto, esse toque, portanto, esta parte da comunicação que é não-verbal foi extremamente prejudicada.”

Questão 2. Manutenção das regras de segurança na sala de aula.

E1: “A história das máscaras também e o afastamento também é muito impessoal.”

E2: “Temos lá colegas, ali como no país inteiro que tem aquela síndrome de pânico perante o vírus e por exemplo imagine se uma assistente operacional me empresta uma caneta a uma pessoa para assinar uma ata e vem outra pessoa com síndrome de pânico, fica em estado de pânico só daquela caneta ter passado noutra mão e temos lá algumas pessoas muito afetadas por isso e quer acredite quer não tenho compaixão por essas pessoas normais com eu, entre ásperas e estão completamente perturbadas.”

“É inadmissível usarem uma caneta sem desinfeção, isso faz-se e começa logo a insultar. Eu antes que me insultem, eu não gosto muito de entrar nesses diálogos, antes que insultem eu tento evitar.”

E3: “eu acho que os alunos foram muito responsáveis e cumpridores, estiveram muito bem no cumprimento de todas as regras, prevaricavam um bocadinho mais cá fora, mas na sala de aula muito bem.”

E4: “para falar tínhamos que falar bem alto”

“mandava fazer um exercício e vinham um “oh, professora, venha aqui que eu não percebo”, mas eu não posso ir aí, não me posso chegar-me a ti diz qual é o problema, então projetava a ficha que eles estavam a fazer e ele, “oh professora é isto””

“(…) ficavam desconcentrados e isto atrasava um bocado o ritmo da aula”

“(…) eles sempre a resmungar esta a máscara, posso ir sair lá fora para respirar mais um bocadinho professora”

E5: “muitas máscaras eu tinha que usar, porque a máscara quando se está a falar muito, muito, muito começa a ficar húmida, portanto segurança máscara, máscara, máscara, ter que trocar de máscaras tanto eu como os alunos, começaram a ficar também depois muito tempo sentados”

“as portas estavam abertas, as janelas estavam abertas”

“álcool- máscaras, álcool-máscaras respirar ar puro, manter a sala arejada sempre, por mais frio que estivesse dentro da sala de aula os meus alunos chegaram a levar mantas”

“pronto, mas efetivamente estava frio e de resto era muita troca de máscaras, muita troca de gel, gel, gel, mas eles tinham álcool gel, nisso eles eram cuidadosos, eles nisso até eram bastante cuidadosos e sempre que iam trocar a máscara ou sempre que bebiam, havia aquelas regras todas, eles isso tinham muito, muito, muito cuidado”

E6: “A máscara sim, o desinfetante sim, a minha escola nisso é muito exigente”

E7: “era muito difícil, porque, por exemplo, os alunos para se despir e vestir tinham que tirar a máscara, efetivamente, cinco alunos dentro do balneário não é muito, mas eu não posso garantir que eles não se aproximem, porque eu depois tenho alguns alunos na sala de aula à minha espera, no pavilhão à minha espera e, portanto, não posso controlar os balneários todos. Estava constantemente várias vezes, vou ter que trazer para aqui um cartaz afastem-se, afastem-se, afastem-se porque eles

estavam loucos pelo toque, pelo contato, pela proximidade. “

“estava constantemente a dizer puxa a máscara para cima, já desinfetaste a mão, não, toca a desinfetar, alguns alunos diziam “ó professora que exagero” porque se eles usavam a bola eu a seguir desinfetava as mãos, se eles tocavam no chão, por exemplo, a fazer flexões, eu desinfetava as mãos.”

Dimensão de Análise 4. Ensino presencial, em período pandémico.

Os principais constrangimentos do ensino presencial em tempos de pandemia, foi o simples facto de as máscaras dificultarem muito a comunicação com os alunos.

Questão 1. Principais dificuldades encontradas: comunicação com os alunos e dificuldades colocadas por parte dos alunos.

E1: “Sinto-os mais parados.”

E3:” principal dificuldade aqui tem haver com a comunicação que está muito condicionada pela presença das máscaras e pela necessidade do distanciamento”

E5:” “Dificuldades, dar aulas de máscara, terrível, terrível e terrível”

E6: “não poder haver um trabalho concomitante”; “isso houve perdas”

E7: “A principal dificuldade era o eu usar máscara”; “a comunicação não é tão fluida”; “houve uma grande dificuldade, porque esta comunicação, que muitas vezes estabelece o aluno estar perto de nós procurar um miminho”; “comunicação que é não-verbal foi extremamente prejudicada.”

Questão 2. Manutenção das regras de segurança na sala de aula.

E1:” “A história das máscaras também e o afastamento também é muito impessoal.”

E2: “É inadmissível usarem uma caneta sem desinfecção”

E3: “eu acho que os alunos foram muito responsáveis e cumpridores”

E4: “ficavam desconcentrados e isto atrasava um bocado o ritmo da aula”;“(…) eles sempre a resmungar esta a máscara, posso ir sair lá fora para respirar mais um bocadinho professora”

E5: “muitas máscaras eu tinha que usar”; “álcool- máscaras, álcool-máscaras”

E6: “A máscara sim, o desinfetante sim, a minha escola nisso é muito exigente”

E7: “era muito difícil”; “afastem-se, afastem-se, afastem-se porque eles estavam loucos pelo toque, pelo contato, pela proximidade. “

Síntese reflexiva

A dimensão número 4 é definida como o ensino presencial e nesta dimensão, fará referência às principais dificuldades enfrentadas pelos alunos e pelos professores.

No que se refere às principais dificuldades encontradas o uso de máscara foi referido pelos entrevistados E3, E5 e E7. Estes referem que a comunicação com os alunos foi bastante afetada pelo uso da máscara e pelo distanciamento físico. A entrevistada E5 evidencia ainda que o facto de conhecer os alunos somente pelo olhar lhe trouxe grande dificuldade. Em termos de dificuldades por parte dos colegas refere que estes perderam ritmo de trabalho com a interrupção de ensino, quando estavam em regime online.

A entrevistada E7 salienta ainda o facto de a comunicação não verbal com os alunos ter sido extremamente prejudicada com o facto de não poder haver proximidade física.

A entrevistada E1 refere que os alunos apesar de se encontrarem em regime presencial, sentia que estes se encontravam mais parados e que nunca colocavam questões no decorrer da aula.

No discurso da entrevistada E6 refere que a sua maior dificuldade foi o facto de não poder acompanhar o trabalho dos seus alunos e que isso prejudicou-os ao ponto de estes recuarem nas suas aprendizagens e de perderem capacidade de concentração.

Na questão da manutenção das regras de segurança na sala de aula, de um modo geral todos os entrevistados referem o uso de máscaras e desinfetante em todos os momentos, o distanciamento

que era cumprido e referem que os alunos eram cumpridores nas regras de manutenção de sala de aula.

No discurso da entrevistada E5 é importante destacar o facto da repetição da palavra “máscara”, ou seja, dá ênfase à ideia da troca constante de máscara e o uso da mesma, assim como a repetição da palavra “gel”, reforçando a ideia de que este estava presente em todos os momentos desde a entrada na sala de aula e a utilização do mesmo.

A entrevistada E7 relata que foi difícil fazer a gestão das regras de segurança no balneário, uma vez que não tinha acesso ao mesmo e não podia garantir que os alunos usavam a máscara enquanto vestiam o equipamento de treino. Contudo, durante a realização da aula, a mesma frisou e referiu que proferia a palavra “afastem-se” inúmeras vezes, com objetivo de os alunos cumprirem o distanciamento físico que lhes era pedido.

De um modo geral, esta dimensão expressa a experiência dos professores e o desafio que estes estiveram sujeitos para cumprirem a gestão da sala de aula com todas as regras implementadas na manutenção das salas de aula. Como referido anteriormente, as escolas tinham que cumprir com as regras que lhes foram impostas através do Referencial da Direção Geral da Saúde com as normas impostas para a manutenção das salas de aula.

4.2.3 Comparação ensino online e ensino presencial em período pandémico

Para finalizar a análise dos discursos, é importante compreender e analisar, fazendo uma comparação entre o ensino online e o ensino presencial em tempos de pandemia. Esta comparação é de extrema importância, uma vez que vai responder às questões cruciais deste trabalho que pretendem relatar a experiência vivida pelos docentes em tempos de pandemia.

Dimensão de Análise 1. Desafios pedagógicos e profissionais durante a situação pandémica

Questão 1. Comparação da experiência pessoal entre o ensino online e o ensino presencial

E1: “Não gosto deste ensino online”

“É uma sobrecarga e este ensino é ainda mais burocrático ainda”

“Acho que não tem nada a ver. Gosto mais de estar à frente deles, de ver as dúvidas deles, aqui nem sequer põem dúvidas, não tem dúvidas ou os que respondem são os mesmos sempre.”

E2: “É muito mais difícil dar aulas à distância, é um desafio muito grande.”

“Isto é, estou muito cansada, estou cansada porque estou constantemente 24 horas a pensar nestas coisas.”

E3: “O ensino online trouxe uma série de desafios que nos permitiram evoluir bastante na utilização das tecnologias, algumas que nós não dominávamos”

“isso foi muito positivo, é uma construção boa, é um acrescento significativo, mas aspeto negativo claramente o desgaste, a tal diluição do mundo profissional e do mundo pessoal, e claramente acho que voltar ao ensino presencial será muito bom por todos os aspetos negativos do ensino à distância, mas também pelos aspetos positivos do ensino à distância que nós podemos se quisermos manter no nosso trabalho, coisas que nós fazíamos no ensino à distância que podemos manter no ensino presencial.”

E4: “foi de facto um desafio pedagógico. Nós termos que arranjar sempre outras estratégias mais motivadoras e mais adaptáveis ao ensino a distância, tivemos que fazer formação nas plataformas”

“obrigou-nos de certo modo, a estar mais atentos a estas novas tecnologias a maior parte das pessoas diz que está, que é inovadora e por aí fora e acaba sempre por voltar ao

“powerpointezinho” acaba sempre por voltar ao livrinho e isto obrigou a houvesse obrigatoriamente uma mudança para acompanhar a pandemia basicamente foi isto que aconteceu.”

E5: “É uma busca enorme diária das melhores ferramentas pedagógicas a usar, isso eu perco horas.” “eu perco horas a tentar descobrir as melhores ferramentas e depois quando eu descubro uma ferramenta, não é só descobrir o nome da ferramenta, agora deixa-me explorar o que ela é capaz de fazer e qual é a vantagem dela relativamente a outra que eu já tinha e o que é que eu consigo fazer, isso para mim é um desafio”

“Apesar de gostar a tecnologia, apesar de eu gostar de tudo isto o ensino online a mim enquanto professora por paixão, pouco ou nada me diz”

“(…) há toda aqui não está aqui uma expressão corporal de sala de aula que nós dá sinais de tudo não e às vezes o aluno até esta fazer uma avaliação, vamos agora aos momentos de avaliação, basta o professor chegar lá, as vezes vejo as lagrimzinhas deles, eu ponho-lhes a mão, “têm calma, vai correr bem “isto online eu não consigo”

“nós só podemos ensinar se conhecermos o aluno e sabemos o que ele está a precisar naquele momento e o ensino à distância não me permite isso, não me permite de todo isso.”

E6: “Eu tenho duas conclusões a tirar, por um lado a conclusão de que o online nos revelou algumas fragilidades do nosso ensino e em especial a questão da autonomia, (...) mas também a consciência de que o contacto humano se faz com a presença do corpo todo, o nosso corpo todo e que a presença física, o cheiro, o sorriso, o movimento, tudo isso é muito importante para a comunicação e para um fator que eu acho que é o mais importante na educação, que é a empatia.

Se houver empatia, as pessoas aprendem e os professores sentem-se bem na sala de aula a ensinar. A empatia é uma competência afetiva”

E7: “Pronto é assim, eu aqui estou segura, online, eu estou totalmente segura em termos da pandemia, enquanto presencial, eu senti-me até temerosa, porque a nossa disciplina é muito movimento, muita deslocação, muito material, muita dinâmica de grupo e teve que

ser muitíssimo controlada, (...) em termos de qualidade, senti muito mais qualidade do ensino presencial na altura da pandemia. “

“estamos a desenvolver outro tipo de capacidades, estamos, acho que se calhar as vezes no presencial não desenvolvemos.”

Comparação ensino online e ensino presencial em período pandémico

Este ponto é muito importante, uma vez que faz uma comparação entre o ensino online e o ensino presencial, realça os desafios que os docentes tiveram nestes dois períodos.

Dimensão de Análise 1. Desafios pedagógicos e profissionais durante a situação pandémica

Questão 1. Comparação da experiência pessoal entre o ensino online e o ensino presencial

E1: “Não gosto deste ensino online”; “É uma sobrecarga e este ensino é ainda mais burocrático ainda”

E2: “É muito mais difícil dar aulas à distância, é um desafio muito grande”

E3: “O ensino online trouxe uma série de desafios que nos permitiram evoluir bastante na utilização das tecnologias”; “aspeto negativo claramente o desgaste, a tal diluição do mundo profissional e do mundo pessoal”

E4: “foi de facto um desafio pedagógico”

E5: “É uma busca enorme diária das melhores ferramentas pedagógicas a usar, isso eu perco horas.”

E6: “conclusão de que o online nos revelou algumas fragilidades do nosso ensino e em especial a questão da autonomia”

E7: “estamos a desenvolver outro tipo de capacidades, estamos, acho que se calhar as vezes no presencial não desenvolvemos.”

Síntese reflexiva

Assim, esta dimensão é definida como os desafios pedagógicos e profissionais durante a situação pandémica, com a reflexão centrada na comparação da experiência pessoal entre o ensino online e o ensino presencial. Para uma melhor análise desta dimensão, os discursos serão analisados de forma individualizada.

No discurso da entrevistada E1, esta salienta que não gostou do ensino online por considerar que este ensino tem uma sobrecarga maior de trabalho e é mais burocrático, e que não tem comparação possível com o presencial.

A entrevistada E2 reforça a ideia do quão foi difícil dar aulas online e do desafio que é, referindo o cansaço que sentiu com este modo de ensino.

O entrevistado E3 menciona que apesar de ser um grande desafio, fez evoluir o uso das tecnologias e isso poderia vir a ser positivo, contudo o desgaste do ensino online fez com que o mundo profissional se misturasse com o mundo pessoal, sendo que este é o aspeto negativo referido. Realça ainda assim existem aspetos positivos, como o uso das novas tecnologias e das ferramentas utilizadas no online poderiam ser utilizadas também no presencial

A entrevistada E4 refere que o ensino online foi um desafio pedagógico, pois a procura de estratégias mais motivadoras e adaptáveis no uso da tecnologia é uma mais-valia.

A entrevistada E5 salienta que o desafio maior foi a procura diária que fez de ferramentas pedagógicas e quais as vantagens que traziam em relação as que já lhe eram conhecidas e esse era considerado o maior desafio. Contudo, não consegue através do ensino online ver a necessidade que os alunos sentem enquanto no presencial isso acontecia.

A entrevistada E6 refere que retirou duas conclusões desta comparação de ensino. O facto de que o ensino online revelou as fragilidades do ensino no que diz respeito à autonomia dos alunos, à empatia criada no ensino presencial e que não existia isso no ensino online e que essa empatia afetava a competência afetiva.

Por fim, a entrevistada E7 relatou que apesar de se sentir seguro no ensino online em termos de pandemia, que a qualidade de ensino é preferível no presencial, mas realça que desenvolveu capacidades que no presencial não aconteceu.

Em síntese, todos os docentes entrevistados preferem o ensino presencial, admitindo que o online foi importante para o desafio da utilização das tecnologias e procura de ferramentas que possam ser úteis tanto no ensino online como no ensino presencial.

Conclusão

Com base nos resultados obtidos, o estudo permitiu concretizar o desenho metodológico, bem como atingir os objetivos inicialmente traçados. Através da realização de entrevistas foi possível analisar a experiência dos professores em lecionar em tempos de pandemia e como as escolas se ajustaram às medidas implementadas pela Direção Geral de Saúde. A experiência dos professores é essencial para compreender como estes adaptaram, vivenciaram e sentiram de perto toda a situação pandémica.

Posto isto, é relevante falar na adaptação dos professores ao ensino online a que estes tiveram sujeitos, uma vez que, nem todos os docentes tinham a mesma aptidão e preparação tecnológica. De frisar que nas questões relacionadas com a adaptação e reação ao formato online o discurso dos professores diferiu. Neste aspeto, alguns professores tiveram muita facilidade no acesso, uma vez que já utilizavam este formato no ensino presencial, o que facilitou o acesso às plataformas em regime online, enquanto outros docentes, nunca tinham estado em contacto com estas plataformas, o que dificultou o seu processo de adaptação e, conseqüentemente, todo o processo de ensino.

Neste trabalho foi possível experienciar a crise pandémica nas escolas e em todo o meio envolvente, bem como os encarregados de educação. Apesar de não ter sido possível vivenciar presencialmente estes períodos de pandemia, realço os relatos dos docentes e os sentimentos que estes foram transmitindo ao longo das entrevistas.

Tendo em conta esta situação, a mesma não se revelou um entrave, uma vez que foi possível alcançar o público-alvo, obtendo tudo o necessário para o estudo realizado. Deste modo, é de realçar as vantagens da tecnologia, que nos permite comunicar à distância. Contudo, e como já referido anteriormente, nem todos os docentes se conseguiram adaptar às novas tecnologias. Isto vem mostrar que a formação dos professores deve incidir um pouco mais nas novas tecnologias, no uso de sistemas informáticos, bem como nos programas existentes, que podem auxiliar na aprendizagem dos alunos, tornando-as mais atraentes e didáticas.

Para além de tudo isto, um outro aspeto importante, chama a atenção para os problemas relacionados com a saúde psicológica. A maioria dos participantes realçou este aspeto de forma a destacar a importância da interação humana e o apoio psicológico. Muitas crianças revelaram a falta de apoio e compreensão familiar, mostrando uma maior necessidade de falar e interagir com os outros quando regressaram ao presencial. Por outro lado, os docentes, apresentaram um nível de cansaço psicológico mais elevado, afetando assim todo o processo educacional.

Ao nível da indisciplina, no regime online, os docentes, verificaram que os alunos se encontraram mais tranquilos, talvez pelo facto de se encontrarem “sozinhos” e, desta forma, não ter o colega para se distrair. Todavia, nem tudo se revelou um aspeto positivo. Embora não tivessem os colegas para se distrair, alguns aproveitavam os momentos das aulas para jogar, ver vídeos, entre outras distrações. Aqui denota-se a relevância de melhorar as plataformas utilizadas, de maneira a tentar combater estas distrações. No regime presencial é de reparar nas medidas que são tomadas pelo ministério da educação ao longo dos tempos. As medidas adotadas e utilizadas ao longo dos últimos anos, tem vindo a facilitar o processo escolar dos alunos. Esse facilitismo acaba por se refletir no comportamento dos mesmos, uma vez que os torna mais passivos e despreocupados com a aprendizagem. Tudo isto acaba por ter implicações ao nível comportamental, tornando-os mais inquietos. Neste aspeto, é de referir o potencial conflito geracional, uma vez que a maioria dos docentes a nível nacional tem idade igual ou superior a 50 anos, e assim, já não conseguem ter tanto controlo sobre eles.

Em suma, concludo que este estudo me proporcionou mais conhecimento teórico, mais conhecimento a nível académico e científico. Sendo um dos estudos pioneiros sobre esta vivência dos professores em período pandémico foi um enorme desafio e um longo caminho percorrido, desafiante e motivador, estudar e explorar este tema de ensinar em tempos de covid. Considero que este tema deve ser mais aprofundado, principalmente no que concerne à dimensão psicológica, quer dos docentes, quer dos alunos e aos impactos que o confinamento e a crise pandémica da covid teve na vida dos alunos, professores e encarregados de educação.

Referências Bibliográficas

Amado, J. (2001). *Interação pedagógica e indisciplina na aula*. Porto: Edições ASA

Amado, J. & Freire, I. (2009). *A(s) Indisciplina(s) na Escola. Compreender para prevenir*. Coimbra: Edições Almedina.

Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Brophy, J. (1996). *Teaching problem students*. New York: The Guilford Press

Brophy, J. (1999). Perspectives of classroom management: Yesterday, today and tomorrow. In H. J. Freiberg, *Beyond behaviorism: Changing classroom management paradigm* (pp. 43-56). Massachusetts: Allyn and Bacon.

Castañeda, L. & Esteve, F. (2018). Por qué es necesario repensar la competencia docente para el mundo digital. *Revista RED*, v. 56, n. 6, p. 1-20, 2018.

Chizzotti, A. (1992). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.

Djigić, G., & Stojiljković, S. (2012). Protocol for classroom management styles assessment designing. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 45, 65–74. doi:10.1016/J.Sbspro.2012.06.543

Domingues, I.. (1995). *Controlo disciplinar na escola, Processos e práticas*. Lisboa: Texto Editora.

Elliott J. (2005). Using Narrative in Social Research: Qualitative and Quantitative Approaches. London, p.24

Esteves, M. (2006). Análise de Conteúdo in J. A. LIMA & J.A. PACHECO (org.) Fazer Investigação – Contributos para a elaboração de dissertações e teses. Porto: Porto Editora, pp. 105-126.

Estrela, M. (2010). Profissão Docente: Dimensões Afetivas e Éticas. Lisboa: Areal.

Estrela, M.T. (Jan-Março 1996). Prevenção da indisciplina e formação de professores. Noésis. Lisboa. N.º 37, p.34-36.

Estrela, M.T., (1994), Relação Pedagógica, disciplina e indisciplina na aula, Porto: Porto Editora.

Estrela, M.T. (1998). Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula. 3ª Edição. Porto: Porto Editora.

Direção Geral de Saúde, (2020). Referenciais escolas. Controlo da transmissão de COVI-19 em Contexto escolar.

Direção Geral de Saúde, (2020). Orientações Ano Letivo 2020/2021.

Fernandes, G., Entrevista a "a Página". Jornal a Página, N° 101, Ano 10, Abril 2001. <http://www.apagina.pt/arquivo/FichaDeJornal.asp?ID=101> (consultado em 10 Maio 2008)

Figueiredo.(2020).Retrieved from <https://www.cuf.pt/mais-saude/covid-19-o-impacto-da-pandemia-nodesenvolvimento-infantil>

Fortin, M.F. (1999). O processo de técnicas de investigação- Da concepção à realização. Loures: Lusociência- Edições Técnicas e Científicas.

Fortin, M.F. (2009). Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação. Loures: Lusodidacta

Khine, M. & Aputhasamy, L. (2005). Self-perceived and student's perceptions of teacher interaction in the classrooms. Paper presented at the Conference on Redesigning Pedagogy, Singapore. Research, Policy, Practice.

Gomes, C.A. (2016). Pressupostos éticos na investigação e produção científica em contexto académico: Dimensões científicas, metodológicas e institucionais. Livro de Atas Do IV Seminário Internacional Cognição e Desempenho, 5-16. Retrieved from <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/42516/1/Livro%20de%20Atas%20IV%20Semin%C3%A1rio%20Internacional%20GICAD.pdf>

Gomes, C. A.(1991) . As estratégias dos professores na sala de aula: ação profissional ou sobrevivência? In: Afonso, Almerindo (Coord.). Dossier sociologia da educação em Portugal. O Professor, Alfragide, Portugal, n. 22, p. 45-50.

Hargreaves, A. & Fink, D. (2007). Liderança sustentável. Porto: Porto Editora

Jesus, S. (1996). Influência do professor sobre os alunos: relação pedagógica, gestão da indisciplina, motivação dos alunos. Lisboa: Edições Asa.

Jesus, S. (1999). Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos? Lisboa: Edições Asa.

Leite, S. (2012). Afetividade nas práticas pedagógicas. Temas em Psicologia, 20(2), 355-368.

Lourenço, A. (2003). Indisciplina na escola: uma abordagem comportamental e causal (Master's thesis, Universidade Fernando Pessoa).

Magalhães, O. (1992). Verso e reverso: os Alunos, os professores e a indisciplina. Lisboa: Faculdade de ciências de Lisboa (Dissertação de Mestrado polic.).

Morgado, J.C. (2012). O Estudo de Caso na Investigação em Educação. Santo Tirso: De Facto Editores

Morgan, D. L. (1988). Fcus Groups as Qualitative Research. Newbury Park: NY: Anchor

Roldão, M. D. C. & Almeida, S.(2018). Gestão curricular: Para autonomia das escolas e professores.

Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, Direção-Geral da Educação.

Nóvoa, A.(2019). Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. Educ.

Real., Porto Alegre, v. 44, n. 3.

Our World (2021). Daily new confirmed COVID-19 cases per milion people.

Programa de Estabilização Económica e Social (2020)

Quivy, R. & Campenhoudt, L.V. (1997). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa:Gradiva Editores.

Revista Portuguesa de Educação, (2020). Saúde e Atividades Diárias: Medidas de Prevenção e Controlo da COVID-19 em Estabelecimentos de Ensino, 34(1), 5-27. Retrived from <http://doi.org/10.21814/rpe.21108experiência>

Silva, M.L. (1999). Indisciplina na Aula. Um problema dos nossos dias. Porto: Edições Asa.

Silva, M. L. (2001). Indisciplina na aula: um problema dos nossos dias. 2ª Edição. Porto: Edições Asa

Stake, R. E. (1999). Investigación con estudio de casos. Madrid, España: Ediciones Morata.

Stake, R. E. (2010). Qualitative Research. Studying how things work. New York, New York:

The Guilford Press.

Strauss, A., & Corbin, J. (1990). Basics of qualitative research. Thousand Lage Daks: Lage Publications,

267. Strauss, A., & Corbin, J. (1998). Basics of Qualitative Research: Grounded Theory Procedures and Techniques. 2 ed. Newbury Park : Sage.

Vasconcellos, C. S. (1995). Disciplina: construção da disciplina consciente e interactiva em sala de aula e na escola.S. Paulo: Libertad

Vergara, S. C. (2007). Métodos de pesquisa em administração: Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 8. ed. São Paulo: Atlas

Trivinõs, A. N. S. (1987). Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, p. 31-79.

Wang, M. C. et al. (1997). What Helps Students Learn? Spotlighton Student Success.

Referências Documentais

Constituição da república portuguesa

Decreto n.º 3-C/2021 de 22 de janeiro

Decreto do Presidente da República n.º 14-A/2020 de 18 de março

Decreto-Lei n.º 10-A/2020

Decreto do Presidente da República n.º 51-U/2020, 2020

Decreto-Lei n.º 270, 2009

Lei de bases do sistema educativo

Lei n.º 3/2008, Diário da República, 1.ª série, n.º 13, de 18 de janeiro de 2008

Lei n.º 30/2002, Diário da República, 1.ª série-A, n.º 294, 20 de dezembro de 2002

Lei n.º 39/2010, Diário da República, 1.ª série, n.º 171, de 2 de setembro de 2010

Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro

Lei n.º 51/2012, Diário da República, 1.ª série, n.º 172, de 5 de setembro de 2012

Resolução do Conselho de Ministros n.º 33-C/2020

Sites:

LBSE. (2016). Lei de Bases do Sistema Educativo. Retrived from <https://www.cnedu.pt/pt/noticias/cne/1039-lei-de-bases-do-sistema-educativo>

DRE. (2006). Lei de Bases da Proteção Civil. Retrived from <https://dre.pt/legislacao-consolidada/-/lc/69738106/201906030021/69973183/diploma/indice>

OBSERVADOR. (2020). COVID-19:Os três meses que mudaram tudo, dia a dia. Retrived from <https://observador.pt/2020/05/31/covid-19-os-tres-meses-que-mudaram-tudo-dia-a-dia/>

DN. (2021). 12 meses, 12 momentos na evolução da pandemia em Portugal. Retrived from <https://www.dn.pt/sociedade/doze-meses-doze-momentos-na-evolucao-da-pandemia-em-portugal-13406881.html>

OWD. (2021). Evolução da COVID-19 em Portugal. Retrived from <https://ourworldindata.org/coronavirus> https://www.rtp.pt/noticias/pais/a-evolucao-da-covid-19-em-portugal_i1213879

Anexos

Nota de divulgação

Projeto de dissertação de Mestrado

Ensinar em Tempos de Covid: um estudo de caso num Agrupamento de Escolas do Norte de Portugal

Investigadora: Mariana Martins

(Nota de divulgação/Informação)

1. Processo de recolha de dados

Como investigadora gostaria de organizar o trabalho deste modo:

1. Utilizar o método de entrevista online, através de uma plataforma, fornecendo o link da mesma, assim como o guião de entrevista antecipadamente;
2. A entrevista será gravada para transcrição futura. Após essa transcrição será enviada ao entrevistado de modo que este possa validar cientificamente aquilo que relatou;
3. Como investigadora, adaptar-me-ei à disponibilidade dos entrevistados, solicitando que aos participantes o dia e hora da entrevista de acordo com os seus horários;
4. Dados de contacto a utilizar para solicitar a disponibilidade para a entrevista:

Telemóvel: 964805059

E-mail: mariana2720@hotmail.com

5. De acordo com o calendário escolar, pretendo realizar as entrevistas no mês de março;

2. Enquadramento institucional, académico e científico

-Instituto de Educação da Universidade do Minho

Mestrado em Estudos da Criança- Área de Especialização em Intervenção Psicossocial com Crianças e Famílias

-Orientação: Professora Doutora Ana Tomás Almeida e Professor Doutor Carlos Alberto Gomes

-Principal objetivo: Conhecer e compreender quais as estratégias adotadas na gestão da relação entre professores e alunos na sala de aula, e o impacto ou impactos da situação pandémica nos planos pedagógico, psicológico, emocional e profissional.

-Relevância para a Escola e os Professores: Obtenção de resultados com relevância para a prática profissional (sobretudo na dimensão pedagógica), formação contínua, e gestão organizacional das escolas.

3. Garantias e procedimentos éticos

Como investigadora, cumprirei todas as normas éticas das ciências sociais, assim como o Código ético da Universidade do Minho, onde será de total anonimato, confidencialidade e todos os dados obtidos serão utilizados para fins académicos. Assim, convidarei os professores a assinar o consentimento informado.

4. Guião de entrevista

- 1) os processos de ensino: preparação das aulas, participação dos alunos, avaliação da aprendizagem
- 2) a relação entre alunos
- 3) a relação alunos-professor
- 4) a motivação do professor
- 5) experiências causadoras de stress e ansiedade
- 6) desafios que constituíram oportunidades

A realização deste projeto só se tornou possível graças à disponibilidade dos professores em colaborar nesta investigação, ao qual deixo o meu agradecimento pela participação na entrevista!

22 de janeiro de 2021

Mariana Teixeira Martins

Projeto de dissertação de Mestrado

Ensinar em Tempos de Covid: um estudo de caso num Agrupamento de Escolas do Norte de Portugal

Investigadora: Mariana Martins

Orientação: Carlos Alberto Gomes e Ana Tomás de Almeida

Declaração de princípio: Como investigadora, cumprirei todas as normas éticas das ciências sociais, das ciências da educação, assim como o Código de Ética da Universidade do Minho, sendo totalmente garantida a confidencialidade e o anonimato dos participantes no estudo, bem como a utilização exclusiva para fins académicos dos dados recolhidos.



Guião de questões a abordar na entrevista aos professores

Os temas elencados abaixo respondem ao interesse da investigadora em conhecer o pensamento e a avaliação que fazem os professores do 3º ciclo do ensino básico sobre o ensino-aprendizagem no contexto pandémico. Os efeitos das medidas de confinamento, bem como o prolongamento das mesmas num período excecionalmente longo, na perspetiva dos professores merecem-nos especial atenção na presente investigação.

As entrevistas serão conduzidas numa plataforma virtual por forma a facilitar a sua realização, preservando o espaço e o tempo de cada um. Os temas da entrevista são dados previamente a conhecer aos participantes e as questões são de resposta aberta. No registo e transcrição é rigorosamente garantido o respeito pela opinião e experiência individuais. A qualquer momento, é um direito dos participantes interromper ou cancelar a sua participação. Desde já agradecemos a colaboração na resposta às seguintes questões:

Questão nº 1: Processo de ensino em contexto sala de aula, online de março a junho de 2020.

Como descreve e avalia os seguintes aspetos:

- Preparação de aulas, mudança do ensino presencial para online;
- Estratégias pedagógicas utilizadas;
- Principais dificuldades encontradas: domínio das novas tecnologias, Facilidade/adaptação ao formato
- Comunicação com os alunos e dificuldades colocadas por parte dos alunos e no relacionamento com professores e os colegas
- Reação/adaptação dos alunos;
- Avaliação das aprendizagens;

- Comportamento de disciplina vs Indisciplina dos alunos em período pandémico:
- Intensificação do trabalho, sobrecarga, ansiedade e stress;
- Vantagens e desvantagens comparativamente ao ensino presencial;

Questão nº 2: Processo de ensino em contexto sala de aula, presencial no período de setembro de 2020 a janeiro de 2021:

- Preparação de aulas, mudança do ensino online para ensino presencial; □ Estratégias pedagógicas utilizadas;
- Principais dificuldades encontradas: comunicação com os alunos e dificuldades colocadas por parte dos alunos;
- Reação/adaptação dos alunos;
- Avaliação das aprendizagens;
- Relações interpessoais;
- Manutenção das regras de segurança na sala de aula;
- Comportamento de disciplina vs indisciplina dos alunos em período pandémico

Questão nº 3: Desafios pedagógicos e profissionais durante a situação pandémica

- Comparação da experiência pessoal entre o ensino online e o ensino presencial

Muito obrigada pela colaboração no estudo.

Se quiser receber os resultados do estudo ou participar de forma mais ativa na divulgação dos resultados, deixe-nos o seu email.

Projeto de Dissertação de Mestrado-Ensinar em tempos de Covid: um Estudo de caso num Agrupamento de Escola no Norte de Portugal

Recolha de inscrições de participação

Número Interno do professor(a) na escola *

*

Texto de resposta curta

Sexo *

Masculino

Feminino

Email ou Contacto telefónico *

Texto de resposta curta

Declaro que tomei conhecimento sobre o objetivo do estudo. Fui informado(a) acerca da finalidade da investigação, da participação voluntária e da confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. *

*

Sim

Não

Agradeço vivamente a compreensão, o profissionalismo, e a disponibilidade dos professores e professoras que aceitaram participar concedendo as solicitadas entrevistas.

Descrição (opcional)